

PENTAGRAMA

2004 número 3

Revista bimestral do

Lectorium Rosicrucianum



O RENASCIMENTO E SEUS ASPECTOS PRÁTICOS

CARTA PARA MINHA FILHA

A FORÇA DO EQUILÍBRIO RESTABELECIDO

O PRINCÍPIO DA ESPERANÇA

NOVA ILUSÃO OU NOVA OPORTUNIDADE?

A ORAÇÃO COMO ATITUDE DE VIDA

VIVER DO SILÊNCIO

MENTIRAS, ENGANO

INSPIRAÇÃO

FALAR É PRATA, CALAR É OURO

PENTAGRAMA

Mentiras, engano

“Se refletirmos bem, veremos que a mentira reina soberana. A busca pela vida interior exige que não nos deixemos sufocar pela falsidade deste mundo.”



ÍNDICE

- 2 O RENASCIMENTO E SEUS ASPECTOS PRÁTICOS
- 9 CARTA PARA MINHA FILHA
- 13 A FORÇA DO EQUILÍBRIO RESTABELECIDO
- 17 O PRINCÍPIO DA ESPERANÇA
- 21 NOVA ILUSÃO OU NOVA OPORTUNIDADE?
- 24 A ORAÇÃO COMO ATITUDE DE VIDA
- 28 VIVER DO SILÊNCIO
- 34 MENTIRAS, ENGANO
- 37 INSPIRAÇÃO
- 41 FALAR É PRATA, CALAR É OURO

ANO 26
NÚMERO 3

O renascimento e seus aspectos práticos

J. van Rijckenborgh

Para o pesquisador sério talvez não exista um único problema tão agudo quanto: Como devo percorrer o caminho que conduz ao novo campo de vida? Portanto, nunca poderemos refletir e falar suficientemente sobre isso. Chega um momento psicológico em que o pesquisador se cansa de toda filosofia. Ele só quer saber de uma única coisa: como, nesta existência e na situação em que ele se encontra, percorrer o caminho para a nova vida, o caminho de Cristiano Rosacruz.

Na Escola Espiritual que emana da força crística, o conhecimento de primeira mão é pré-condição para adquirir o conhecimento de segunda mão. Para muitos isso pode ser uma perspectiva totalmente nova, pois geralmente admite-se que é necessário ter estudado durante anos a filosofia da Rosacruz (isto é, o conhecimento de segunda mão transmitido pela Escola) antes que alguns eleitos possam ter acesso ao conhecimento de primeira mão. Devemos nos afastar o mais rapidamente possível dessa mistificação. O que acontece realmente? A Escola Espiritual faz uma distinção entre o conhecimento de primeira mão e o conhecimento de segunda mão: aqui, o conhecimento de primeira mão é o saber direto e auto-adquirido; o conhecimento de segunda mão corresponde ao saber transmitido pelo éter refletor do campo de força da Escola Espiritual por intermédio da palavra

falada, escrita, ou pela leitura. Esta forma de conhecimento é, na realidade, uma espécie de passagem para o conhecimento de primeira mão, porém, permanece, mesmo assim, um conhecimento de segunda mão.

O conhecimento de primeira mão não provém da experiência

É de opinião geral que o conhecimento de primeira mão só pode ser obtido após certo grau de iniciação ou de avanço. Nada é menos verdadeiro, embora seja fato que o conhecimento de primeira mão dos Mistérios não possa ser alcançado sem uma preparação fundamental e sem um progresso no caminho. Isso, no entanto, não significa que o mais novo aluno iniciante não possa já possuir conhecimento de primeira mão, mesmo que inicialmente ele dependa do ensinamento de segunda mão transmitido pelos seus instrutores, pois todo conhecimento de segunda mão na Escola é absolutamente sem valor se não for precedido de um conhecimento de primeira mão. O conhecimento de primeira mão na Escola de Mistérios não é, portanto, um saber proveniente da experiência no sentido dialético. No sentido dialético, o conhecimento da experiência é sempre a consequência de uma experimentação da qual esperamos um resultado. Na Escola de Mistérios, porém, o conhecimento de primeira mão não é a consequência de uma experimentação, mas da *iluminação*.

Suponho que um buscador entre na Escola Espiritual. Por onde ele deve começar? Em qualquer outro grupo esotérico, ele deveria começar pelo ensinamento de segunda mão na esperança de, ao exercitá-lo, adquirir o conhecimento de primeira mão. Na Escola Espiritual é totalmente diferente. O buscador ou o aluno alicerça-se no conhecimento de primeira mão – ou iluminação – antes que lhe seja transmitido o conhecimento de segunda mão. Essa iluminação nascente do aluno, nós a chamamos de *reminiscência* de algo que existiu, ou *pré-memória*. Aquele que não possui essa reminiscência não está em casa na Escola Espiritual; porque, então, ele de fato nada tem a ver com todo o conhecimento de segunda mão que a Escola lhe transmite, oralmente ou por escrito.

O gládio da pré-memória

É por isso que a pré-memória é a base do conhecimento de segunda mão que é transmitido pela Escola. Se o pesquisador possui essa lembrança e estabelece uma ligação com a Escola, então a Escola lhe transmite o conhecimento de segunda mão no caminho da luz. E acontece, então, que seu conhecimento de primeira mão amplia-se: *o gládio da pré-memória me penetra até a iluminação*. Isso realmente acontece pelo conhecimento de segunda mão transmitido pela Escola? Não. Então, para que serve esse conhecimento? É o que nós vamos ver.

Em nosso trabalho, distinguimos:

1. a revelação pessoal
2. a revelação coletiva.

A revelação pessoal é o conhecimento de primeira mão; a revelação coletiva é o conhecimento de segunda mão. Esses dois aspectos têm uma



função e dependem um do outro. A revelação pessoal é como uma luz e nos mostra o caminho mergulhado na escuridão em plena claridade. A revelação coletiva nos fornece os meios para percorrer esse caminho. Em uma palestra, por exemplo, é dispensado impessoalmente a cada participante o alimento espiritual para que ele possa percorrer o caminho, e, portanto, não lhe será dito onde para ele especificamente se encontra o caminho. Para que vos serviriam os meios de trilhar o caminho se não sabeis onde ele se encontra? Para nada. Conseqüentemente o pesquisador ou aluno o iniciante deve primeiro reconhecer seu próprio caminho pela revelação pessoal se quiser receber algo da revelação coletiva,

Globo dourado no círculo, símbolo do renascimento. Chipre. Foto Pentagrama.



ou seja: ele deve primeiro saber aonde o conduz seu caminho pessoal através da vida antes de poder se colocar a serviço da Luz.

Três aspectos exteriores importantes

Como ele chegará a isso? Unicamente pelo conhecimento de primeira mão, sem transmissão intermediária fora do que nós chamamos “o Espírito Santo”. O caminho do Espírito comporta três aspectos dos quais nenhum deve ser negligenciado:

1. a oração,
2. a ligação,
3. a instrução.

Isso quer dizer: o pesquisador que quer libertar-se deste mundo e transpor um portal deve ligar-se à Escola e ser instruído. Mas isso não é o suficiente. É preciso também aprender a orar e a dobrar os joelhos. Aquele que não ora e não dobra os joelhos – não compreendei isso no sentido religioso – aquele que não se abre com humildade, não recebe, fora da pré-memória que ele possui, nenhuma nova ilumina-

ção, nenhum conhecimento de primeira mão, mesmo que siga durante vinte anos todas as exposições do *Lectorium Rosicrucianum*.

Nós devemos orar e implorar; devemos nos ajoelhar – pois verdadeiramente somos bastante impuros. Devemos orar ao menos quando estamos consumidos pela angústia e tão longe da meta que já não a podemos compreender. O homem-fogo, Caim, não tem muito a ver com oração e súplica, com ajoelhar-se. Ele se julga um rei, mas é um tolo. Ele quer acumular conhecimentos e quer realizar ações. Sua doença é tão séria que a angústia já nem lhe aperta a garganta. O fato de ele não ter medo é uma forma de amolecimento cerebral e, portanto, ele pouco ora e pouco se ajoelha.

Um mau cheiro nas narinas de Deus

Enquanto não temos dolorosamente consciência de “cheirar mal”, de sermos repugnantes aos olhos dos santos (*um fedor nas narinas de Deus*, diz Gustav Meyrink), enquanto não sentimos vergonha disso, nem sequer principiamos o caminho. O aluno da Rosacruz não é tíbio; ele está pronto a trabalhar duro em prol da Grande Obra, mas não é trabalho se ele se abrir muito pouco e voltar pouco seu olhar *para os montes de onde lhe virá o socorro*.

Orar, ligar-se, instruir-se, eis a condição tríplice, *seja para um progresso, seja para um julgamento*. Quem omite a oração, por mais ligado e instruído que esteja, não progride e somente retarda o julgamento. Talvez ele possa suportar até uns vinte anos na Escola. Porém, aquele que ora vê seu caminho; e se ele o vê sem, no entanto, segui-lo, submete-se igualmente a um

juízo. Muitas vezes um aluno não ora por medo de assumir as consequências do caminho que vê diante de si.

O tríplice caminho da Luz comporta, portanto:

1. um aspecto místico,
2. um aspecto gnóstico,
3. um aspecto mágico ou realizador.

O aspecto místico é a necessidade interior de orar e ajoelhar. O aspecto gnóstico é o conhecimento transmitido pela Escola. O aspecto mágico ou realizador é a ligação com a Escola de Mistérios, pois essa ligação impele à ação. Se não for assim, o aluno da Escola Espiritual não estará apto a trabalhar na Grande Obra. Salvar-se da morte, entretanto, depende da vida de oração – quer dizer, da nova atitude de vida – e da iluminação decorrente, que clareia o caminho.

Fiel à sua missão

A iluminação somente vem se se anseia e se roga por ela. Essa iluminação está, entretanto, de acordo com nosso estado de ser, mas ela não leva em conta nossas ligações dialéticas. Aquele que, graças à iluminação, vê seu caminho diante de si pode não aguardar até que as circunstâncias dialéticas se modifiquem em concordância com isso. Não, ele deve se decidir a encetar o caminho, na certeza de que as circunstâncias dialéticas se modificarão se ele continuar fiel à sua missão. Ele pode, então, cumprir sua tarefa com o auxílio do conhecimento de segunda mão.

Nosso caminho não é iluminado do começo ao fim, como por um farol. Pelo conhecimento de primeira mão, uma parte do caminho é iluminada, mas sempre falta *um passo*. É por isso que o salmista diz: *Tua palavra é lâ-*

pada para meus pés e luz no meu caminho (Salmo 119:105). Essa luz impede nosso pé de vacilar no perigoso caminho da montanha. Mediante nossas orações e súplicas, nosso caminho será, então, iluminado somente para um passo, e não mais; além disso não existe senão a noite escura.

É apenas quando realmente damos o passo iluminado, graças à instrução, à revelação coletiva, que recebemos iluminação para o passo seguinte, pois se de fato caminhamos carregamos conosco a luz. Galgamos penosamente a montanha guiados pelos conhecimentos de primeira mão e de segunda mão e em ligação com a Escola.

Se nos detivermos, nenhuma nova iluminação poderá se produzir. Isso leva à seguinte conclusão: o conhecimento de primeira mão é a luz no caminho. O conhecimento de segunda mão é o alimento espiritual para poder percorrer o caminho. Entre os dois há uma diferença essencial: a primeira, a revelação pessoal, é luz; a segunda, a revelação coletiva, é alimento. A luz serve para *iluminar* o caminho, o alimento nos dá a força para *percorrer*. A luz é para os olhos, o alimento para o estômago.

Alimento para a alma

Poderíeis considerar as exposições não como luz, porém apenas como alimento? Podeis considerar as exposições como luz, desde que não penseis que o ensinamento das exposições seja luz para vossos olhos! As exposições e as reuniões não são absolutamente para vossos olhos, mas para vosso estômago. Sabeis que no alimento material estão presentes elementos-luz, que chamamos de vitaminas. Sem vitaminas, o alimento está morto. Pois bem, o alimento espiritual

Tu oravas sobre uma montanha

*Tu oravas sobre uma montanha, só,
e... Jesus, eu não encontrava nenhuma
onde pudesse me elevar suficientemente
apenas para Te encontrar;*

*o mundo me persegue,
aonde quer que eu vá
ou esteja
ou onde quer que pouse meu olhar;*

*e pobre como eu não há nem um;
nem um sequer
que tenha aflição e não possa reclamar;
fome, e não possa pedir;
dor, e não possa contar
o quanto dói!*

*Ó, ensina-me,
pobre louco que sou,
como devo orar.**

GUIDO GEZELLE (1830-1899), POETA FLAMENGO

da Escola é igualmente muito rico em vitaminas, mas vossos olhos espirituais são tão pouco iluminados com isso quanto vossos olhos materiais o são, na escuridão, por um pé de alface. Isso significa que se vosso caminho não é iluminado pelo conhecimento de primeira mão e pela oração, o conhecimento de segunda mão também não pode vos iluminar.

Conhecimento de primeira mão e conhecimento de segunda mão: luz e alimento. O alimento é o fruto da *árvore da vida*. Ele nos fortalece e nos ajuda a edificar um corpo a fim de podermos percorrer o caminho, mas ele não nos *mostra* o caminho. O caminho aparece mediante a *luz*, que não é concedida de forma coletiva, mas revelada individualmente, através do orar e ajoelhar. Nessa luz vemos o caminho.

O ensinamento coletivo é o alimento que nos dá a força para percorrer o caminho. E percorremos de fato o caminho mediante ligação e comprometimento com a Escola Espiritual.

Assim: pelo abatimento de nossa alma, imploramos a luz e nessa luz vemos uma pequena parte do caminho. Então, em seguida vem a ligação e o início imediato do caminho, em contínua oração, para que a lâmpada diante de nossos pés não se apague. Depois devemos receber a instrução, portanto o alimento, a fim de não cair a cada espiral mais elevada do caminho da montanha. Eis o caminho de uma escola espiritual fidedigna. Portanto *Luz, Caminhar e Alimento*.

Aquele que toma o alimento para si mesmo sem caminhar é como aquele que come muito sem exercitar seu corpo e sem utilizar o alimento. É por isso que a escola não dá nenhum ensinamento interior àqueles que não estabeleceram uma ligação, pois se tomassem tal alimento seriam envenenados por ele.

O alimento espiritual que a Escola dá sob a forma de conhecimento de segunda mão deve tornar os alunos *corporalmente* capazes de percorrer o caminho. Mas o aluno somente pode avançar quando possui a lâmpada diante de seus pés, e ele deve rogar por essa lâmpada.

Encontramos a confirmação desse ensinamento esotérico nos Atos dos Apóstolos 9, na história de Saulo de Tarso. Reconhecemos aí o inteiro processo no caminho para Damasco. Saulo recebeu o conhecimento de primeira mão, ou revelação pessoal, porque ele o implora: *Senhor, que queres que eu faça?* Tornou-se ele realmente “vidente”? Não. Ele deve primeiramente ligar-se a uma Escola de Mistérios. Aqui, a Escola de Mistérios é Da-

masco, a comunidade de vida dos filhos de Deus, e o mestre é Ananias. Na medida em que Saulo se volta para Damasco, então o mestre vem até ele, porque ele implorou, e o mestre o acolhe na *benedictio*, na ligação santificadora.

Tornar-se “vidente” graças à *benedictio*

A prece, a humildade diante de Deus e a ligação com a Escola na *benedictio* do mestre fazem aparecer a luz para o caminho aos olhos do candidato. *E logo lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista.* Saulo vê seu caminho. Primeiramente ele era cego, mesmo que implorasse a luz, pois devia antes ser recebido na *benedictio*. Ela vem sob a forma de Ananias, que impõe as mãos sobre Saulo e lhe diz: *Irmão Saulo, o Senhor Jesus me enviou. Aquele que ora pela luz recebe a possibilidade, graças à benedictio da Escola de Mistérios, de ser tocado. Por isso Deus diz a Ananias: Levanta-te e vai [...] e pergunta [...] por um homem de Tarso chamado Saulo, pois eis que ele está orando. É suficiente que o homem rogue por iluminação. A essa oração deve se seguir a entrada na Escola e, em livre obediência, a ligação com a força-Cristo.*

Pela prece e pela assimilação, os olhos se tornam temporariamente videntes, o que significa que um palmo do escuro caminho diante de nossos pés é iluminado, mas isso ainda não significa “tornar-se vidente” na luz. Por isso é dito em nossos rituais: *Antes de aprenderem a verter lágrimas, os olhos não podem ver.* Esse “ver” lança uma luz nas coisas do reino longínquo. Mas para Saulo temporariamente só é iluminado um palmo do sombrio

Mas, seguindo ele viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu; e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? Respondeu o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues [...] Emudecido e tremendo de medo, ele diz: Senhor, que queres que eu faça? E o Senhor lhe diz: Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te cumpre fazer [...] Ora, havia em Damasco certo discípulo chamado Ananias; e disse-lhe o Senhor em visão: Ananias! Respondeu ele: Eis-me aqui, Senhor. Ordenou-lhe o Senhor: Levanta-te, vai à rua chamada Direita e procura em casa de Judas um homem de Tarso chamado Saulo; pois eis que ele está orando; e ele viu em visão um homem chamado Ananias entrar e impor-lhe as mãos, para que recuperasse a vista [...] Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido, para levar o meu nome perante as nações, e os reis, e os filhos de Israel; pois eu lhe mostrarei o quanto lhe cumpre padecer pelo meu nome. Partiu Ananias e entrou na casa e, impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, enviou-me para que tornes a ver e sejas preenchido pelo Espírito Santo. No mesmo instante, lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista: então, levantando-se, foi batizado. Após o que, tendo tomado alimento, ficou fortalecido [...] e logo nas sinagogas pregava a Jesus, que este era o Filho de Deus [...] Decorrido um certo tempo, os judeus deliberaram entre si para matá-lo...

ATOS DOS APÓSTOLOS 9:3-23

caminho pessoal de sua vida a serviço de Jesus. Porém, ver não é suficiente. O conhecimento de primeira mão e a revelação pessoal por si só não são suficientes. É preciso que, a seguir, venha a prontidão para percorrer o caminho iluminado. Imediatamente após ver seu caminho pessoal, o aluno deverá percorrê-lo. *E logo lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista; e, levantando-se, foi batizado.* Não se trata de um banho

de água, mas de uma missão, uma ordem do Espírito Santo para percorrer o caminho tornado visível, a fim de descobrir, pela prontidão e a ação, que ele está um passo mais perto de Jesus Cristo, o portal para o novo campo de vida. Esse banho de água do Espírito Santo é semelhante a uma pressão hidráulica que força a dar um passo. Mas, para poder percorrer o caminho que o batismo ordena e não sucumbir porque nosso corpo não é apropriado para a rarefeita atmosfera do caminho da montanha, um novo alimento é necessário. Assim é dito: *E, tendo comido, ficou confortado.*

Seguir a Cristo

Somente então ele recebe de Ananias o conhecimento de segunda mão. Ele é instruído e todas as condições para percorrer o caminho estão preenchidas. E Saulo faz isso também. Por isso a passagem seguinte é: *E logo, nas sinagogas, pregava a Jesus, que este era o Filho de Deus.* O pregar não significa que Saulo compreende a palavra, mas que ele segue, por sua vida, a Cristo, portanto que ele percorre realmente o caminho. Reconhecemos, assim, nos Atos dos Apóstolos, as diversas fases do desenvolvimento do aluno iniciante no caminho, segundo o que se segue:

1. Saulo roga pela luz diante de seus pés;

2. o Senhor lhe envia, no caminho, a Escola na figura de Ananias que lhe impõe as mãos como *benedictio* e, em resposta à sua prece, torna-o vidente;

3. depois que aprendeu a “ver”, ele é batizado, isto é, ele recebe do Espírito Santo a ordem de percorrer o caminho que lhe é revelado pela iluminação;

4. ele toma o alimento, isto é, ele é

alimentado com conhecimento de segunda mão, nas exposições, de maneira impessoal, e é nutrido espiritualmente.

5. equipado pela iluminação para um passo, impulsionado pelo Espírito para um passo e alimentado para um passo, Saulo começa então por si mesmo a pregar o Evangelho. Ele demonstra que este caminho conduz à libertação em Jesus Cristo, ele testemunha de Cristo através de sua vida no caminho.

6. quando ele demonstra Jesus Cristo pela sua elevação no caminho do monte, isto significa que o mundo quer matá-lo.

E o que aconteceu com Paulo acontece também conosco se compreendemos essas coisas. Temos de orar para saber onde Deus quer que sirvamos a Obra a despeito de nossa profissão, de nossa família que eventualmente se opõe ao caminho e também de todas as nossas outras ligações terrenas. E a Escola nos manda um Enviado do Senhor, e através dele nos tornamos, em resposta à nossa oração, videntes. E quando vemos, somos batizados. E então recebemos o alimento e o ensinamento na Escola e somos alimentados, não para armazenar, mas para nos adaptarmos *corporalmente* para o caminho da montanha. Quando, com esse alimento, percorremos o caminho e mantemos a lâmpada acesa em uma oração expressa continuamente, então podemos *pregar a Cristo.*

Este trecho foi extraído de um artigo de J. van Rijckenborgh publicado na revista *Nieuwe Religieuze Oriëntering* de 1947.

* Guido Gezelle, *Gedichten Gezangen Gebeden* (Poesias Canções Orações), 1862.

In: Guido Gezelle, *Verzameld dichtwerk* (Coleção da obra poética), dl. 2: verz. door J. Boets e.a. Kapellen, DNB-Pelckmans, 1980.

Carta para minha filha

Há algum tempo, minha filha, você me perguntou: “Pai, eu não entendo nada disso. De um lado, é dito que somos autônomos, responsáveis pelo que vemos, ouvimos e fazemos; mas, do outro, são citadas as palavras: ‘Que Tua vontade seja feita, e não a minha’. É contraditório. Como interpretar isso?”

A resposta à sua pergunta não me veio logo. Eu compreendo o que você quer dizer com contradição, mas, ao mesmo tempo, sinto que essas duas idéias concordam, sem poder explicá-lo totalmente.

Responder é complexo porque muito foi dito e escrito acerca da vontade e disso só resulta uma grande confusão. Quando examinamos bem tudo o que dizem ou ensinam, uma coisa impressiona: só são descritas as atividades da vontade, portanto, o que faz a vontade e quais são seus resultados, porém não o que é a vontade em si mesma. Sem dúvida, isso é muito interessante e muito concreto, mas não dá a chave do problema que você levanta, ou seja, a contradição entre a autonomia pessoal e o abandono da vontade. Além disso, a distinção entre desejo e vontade quase nunca é feita, tornando a confusão ainda maior, embora esse seja precisamente o ponto essencial.

Na linguagem corrente “querer” é sinônimo de “desejar”. Por exemplo, perguntamos a alguém: *O que você*

quer para o seu aniversário? Em resposta, não ouvimos nenhum extravasamento de atividade, mas a emissão de um desejo, de um pedido. Essa simbiose do desejo e da vontade existe há muito tempo. O grande filósofo holandês do século XVII, Spinoza, colocou-a em evidência. O que em geral denominamos “vontade” corresponde, na realidade, ao “desejo pessoal”. Para ele não existe vontade independente. A “vontade” é uma palavra abstrata que abrange um conjunto de tentativas e ações diretamente resultantes do instinto de conservação. Do mesmo modo, o intelecto, para ele, é apenas um conjunto de idéias.

Ah, agora encontrei o fio da meada! Para sair da confusão entre desejo e vontade, comecemos pelo começo: a criação da natureza fundamental, como a designa J. van Rijkenborgh em seus comentários do *Corpus Hermeticum* de Hermes Trismegisto. No versículo 5 do décimo segundo livro, *A chave de Hermes Trismegisto*, é dito: *Porque a força ativa de Deus é Sua vontade, e Sua essência é o desejo de levar todas as coisas à existência.* Essa mesma passagem é traduzida por R. van den Broek e G. Quispel em sua edição do *Corpus Hermeticum* como: *Sua ação é Sua Vontade, e Sua essência é a vontade de que tudo seja.* Esta última tradução também deixou passar a diferença fundamental entre vontade e desejo.

Muitas pessoas, sobretudo as que são ativas, não sentem a diferença entre querer e desejar e quase nunca param quietas. O que elas desejam, executam imediatamente. Os sonhadores, ao contrário, percebem um pouco essa diferença. Eles refletem sobre os projetos que seus desejos fazem nascer, mas falta-lhes frequentemente o impulso necessário para sua execução imediata.

Vontade e desejo têm muito a ver com espaço e tempo. Poder-se-ia dizer que a vontade está ligada ao espaço e o desejo, ao tempo. A vontade engendra um ato concreto, uma realidade tangível; o desejo é um projeto para o futuro. Assim como o espaço e o tempo são estreitamente interligados, também a vontade e o desejo são indissolúvelmente entrelaçados. Isso por si só pode nos fazer descobrir como experimentamos as coisas e as definimos. Por exemplo: percebemos limites em nós mesmos. Podemos, portanto, falar de espaço, de espaço interior. Percebemos bem que esse espaço está ligado à nossa vontade quando alguém ultrapassa os limites. Não reagimos protestando suavemente: *Oh, não, eu não gostaria que você fizesse isso!*, mas dizemos com força: *Não quero!* Não se trata, aqui, de um projeto para o futuro, mas de um claro estado de ser no momento presente, no espaço físico.

Dois dias depois. Levantei-me cedo pela manhã, reli e continuo

minha carta para você, em resposta à sua pergunta. É muito importante fazer a distinção entre vontade e desejo. Essa é a chave.

Uma pessoa exausta, por exemplo, estabelece bem a diferença entre essas duas noções. Seu espaço interior está exaurido: *Eu perdi toda a força de vontade. Tenho, porém, um grande desejo, um desejo profundo. Eu o sinto, mas não consigo formar uma imagem disso. Talvez não haja imagem por não haver lugar em mim para formar imagens. Seria mais apropriado dizer: o desejo não pode dar-se a conhecer de modo nítido, ou só o pode tardiamente. Não consigo reagir de maneira adequada ao que me acontece. Não sou suficientemente "categórico".*

Nossos desejos, nossas cobiças, comandam nossa vontade. Os desejos projetam imagens em nós, imagens que se harmonizam com nossa consciência e despertam emoções. O pensamento lhes dá uma direção. Ele busca o meio de realizá-las fixando-as no campo de respiração e dando-lhes uma contínua atenção. As imagens são, assim, carregadas de força. Elas adquirem incessantemente uma carga emocional crescente que faz nascer a vontade de manifestá-las e de projetá-las no espaço físico exterior.

Os desejos, portanto, dirigem a vontade por intermédio dos pensamentos (inferiores). A vontade é uma força mental concentrada!



Se “cuidamos” de nossos desejos e os “alimentamos” com nossa força mental, eles seguramente crescerão. Se nós os abandonamos e não lhes prestamos atenção, eles permanecerão neutros e irão para segundo plano.

Quem se examina reconhece em si mesmo diferentes espécies de desejos. Alguns provêm do egoísmo e do ins-

tinto de conservação, visando afirmar nossa própria manifestação ou nos divertir, às vezes às custas dos outros. Outros se referem ao nosso bem estar ou ao de nossos semelhantes. Nós queremos melhorar o mundo, fazer dele um paraíso onde reinariam a felicidade, a igualdade, o amor e a liberdade para todos.

Escritor à luz de vela. Aguada sobre papel. Rembrandt, ca. 1635. Kunstsammlungen zu Weimar.

Essa gama de desejos provém da natureza que conhecemos, onde tudo é cambiante e onde tudo tende a se manter, buscando seu objetivo intrínseco. Pertencemos a esta natureza, bem como nossos pensamentos e nossa vontade, a qual pode se empenhar livremente na realização desses diversos desejos.

Mas um outro desejo habita em nós, estranho à nossa natureza. Ele se origina da natureza divina, que não conhece nem limites, nem formas, nem mudanças. Ela não pode, portanto, projetar imagens perceptíveis em nosso interior. Nós sentimos esse desejo sem poder lhe dar um nome. Às vezes, é como um anseio indefinível, às vezes, como um saber misterioso e fugidio. A maior parte do tempo, é uma inquietude geral, o sentimento de que *vai mesmo acabar por acontecer alguma coisa*. Não conseguimos ter uma imagem reconhecível disso e carecemos de uma vontade capaz de realizar essas imagens (Uma forma extrema de exaustão?).

A única coisa a fazer, com nossa vontade, é nos voltarmos para esse desejo e lhe dar um lugar. Nós devemos “querer” esse desejo. Trata-se de uma livre escolha; e nisso somos autônomos. Nada nos constrange a isso, nada há de obrigatório. A vontade despertada por esse desejo obscuro exige de nós uma constante vigilância, um contínuo esforço para renunciar a qualquer outro desejo pessoal.

Se conseguirmos, estaremos em condição de sepultar no silêncio desejos e cobiças comuns. Em nosso espaço interior, isento de toda carga emocional, será então possível dizer: *Que Tua vontade se faça, e não a minha*. É a primeira fase. A segunda é o crescimento de uma *nova vontade*.

Eis a resposta à sua pergunta: dentro de certos limites, você tem a liberdade de escolher, de orientar seus pensamentos, portanto sua consciência, para algo “totalmente outro”, um desejo completamente estranho, mas tão profundamente gravado em seu coração, que dá a você essa possibilidade. Então surge uma nova vontade, que age em concordância com os princípios da natureza divina original. Só ela pode nos fazer dizer: *Que Tua vontade seja feita, e não a minha*.

Não há, portanto, contradição. A autonomia do “livre arbítrio” permite escolher e dar lugar a uma nova vontade.

FONTES:

Rijckenborgh, J.v., *A arquignosis egípcia*, t. 3, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1989, p.132;

Broek, R.v.d. e Quispel, G., *Corpus Hermeticum*, Bibliotheca Philosophica Hermetica, 1990, p.117.

A força do equilíbrio restabelecido

A palavra “mansidão” evoca uma espécie de falsa vulnerabilidade. Ela significa, na realidade, a força do equilíbrio interior que se instala quando nos tornamos conscientes da própria essência da vida e do lugar que ocupamos no universo.

Ser manso é sentir continuamente a “não-separação”, assim como a “não-luta”. A “não-luta” é uma força mais poderosa que a violência. Essa força provém da unidade da Vida universal, a unidade do Universo, onde desaparecem todos os julgamentos, condenações, críticas.

A mansidão faz o mandamento de Cristo: “amar seus inimigos”, tornar-se um estado de ser. Jesus, no Sermão do Monte, mostra essa exigência aos seus discípulos.

Esse mandamento faz parte de todas as tradições. Ele se destina àquele que quer aprender a se comportar no sentido da perfeição, da integridade e da unidade. Quem já colocou em prática uma tal atitude de vida? Achamos que ser manso e amar os inimigos é bom para os monges, e certamente não para quem vive na sociedade.

Rivalidade, ambição, ciúme, irritação caracterizam as relações humanas. De onde vem isso? Do fato de os princípios fundamentais desta natureza competitiva serem a luta e a auto-afirmação. Lutar pela sobrevivência, brigar, impor-se. Nessas condições, a

exigência do Sermão do Monte – mostrar-se manso – é absolutamente impossível para a natureza humana.

A coragem natural, diz J. van Rijckenborgh, implica sempre numa ação forçada e resulta do jogo das paixões instintivas. Parecemos ladrões. Ferimos, dilaceramos, destruimos.

É a mesma coisa em relação ao amor. Se dizemos, por exemplo, *eu amo você*, isso frequentemente significa *você deve me amar*. “Amar” é uma emoção que requer alguma coisa em retorno ao que ela dá. Ela não é desinteressada. E se a necessidade de ser amado não é satisfeita, surgem agressividade, violência, ódio. O que o homem denomina “amor” não é um sentimento puro, porém um estado afetivo desordenado, voltado para si mesmo, e que, segundo toda probabilidade, não tarda em se transformar no seu oposto, o ódio. “Ser manso” não é o fruto dessa espécie de amor.

Vivemos numa agitação emocional incessante. A consciência assemelha-se à chama vacilante de uma vela exposta às correntes de ar de uma atmosfera agitada que mal consegue iluminar as proximidades. Devemos isso ao fato de os seres humanos se considerarem entidades isoladas, indivíduos separados uns dos outros e voltados para si mesmos. A maioria não está consciente de que é muito mais do que isso. Eles se identificam com partes de si mesmos, com seus corpos, seus impulsos, seus instintos,



ou talvez com o intelecto e o ocultismo. Eles são atormentados por isso. Obnubilados por poder, dinheiro, prestígio, esta ou aquela ideologia, eles estão em constante desequilíbrio porque sua consciência fragmentada limita, julga e condena. Mas a mansidão somente resulta do equilíbrio interior.

Como uma luz imutável
no tempo

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea ensina aos seus alunos que a mansidão nasce do equilíbrio do Espírito, de uma vontade renovada. Primeiro, o aluno dirige-se para o Monte para ouvir o Sermão (Mateus, cap. 5). A elevação da frequência vibratória induzida permite caminhar com uma coragem tranqüila e constante para o alvo luminoso.

Fazendo isso, o homem se sente

introduzido em uma nova vida, como que em uma nova ressonância; ele começa a compreender bem as simples exigências do Sermão do Monte. Ele já não julga nem critica. Ele perdoa todos os erros e ama seus inimigos. Assim, ele não tem mais inimigo. Ser manso é ter uma coragem absoluta, que nada força. O manso não tem nenhuma tendência para usar a violência, não é tenso, nem rancoroso, nem agressivo, porque a violência tem suas raízes na consciência limitada da personalidade, que deve defender o que possui. Mas não é mais esse gênero de consciência que habita o manso. Uma nova concepção surgiu nele, assim expressa por Lao Tsé:

*O que há de mais fraco em nós
é o que resiste mais
e assume a grande obra –
roçar o alqueire,
superar, pela autodisciplina,*

*o que desperta o desejo.
Quem vence a si mesmo
escapa a toda lei.*

A esse propósito, J. van Rijckenborgh declara: *O manso mantém-se como uma luz que, em nome da eternidade, brilha no tempo; e a consolação crística é o combustível que aflui com uma constante regularidade.*

Desaparecimento da violência

Que força habita o manso? Como ele consegue amar seus inimigos? Perguntas importantes, pois se ele não tem inimigos é porque possui a chave da paz, ou dito de outro modo, a solução dos problemas da humanidade. Quem não deseja a paz? É preciso ultrapassar as limitações do eu e, para isso, o milagre do nascimento da Luz deve acontecer. Acima e ao redor da consciência comum, existe a oniconsciência, que penetra e preenche toda a criação. O homem que chega a essa universalidade tem um coração que se abre.

Começa-se a observar o próprio ser e não a imagem que se havia feito a respeito de si mesmo. O próprio ser se assemelha a uma casa em ruínas, construída sobre valores artificiais. Surgem, então, a inconstância dos sentimentos, o moinho dos pensamentos, as energias que provocam tensões e bloqueios, contraem e endurecem o coração, deformando-o a ponto de torná-lo “um pobre estábulo”.

A oniconsciência, que tudo englo-

ba, ilumina toda essa situação e nos dá a compreensão de nosso estado. À medida que nos confiamos à Luz, tudo o que é cristalizado, amargo, malformado, usado, é transformado, modificado; não repellido, mas transmutado. Porque no espaço interior não há lugar onde empilhar todos esses “eus” que se insinuaram na personalidade. As energias inferiores são transmutadas do mesmo modo que um pedaço de ferro todo enferrujado é avermelhado pelo fogo e depois resfriado pela têmpera. Quem toma consciência das exigências do Sermão do Monte não se desvia, incrédulo e frustrado, mas se impregna desses valores internos, compreende que ser manso só pode vir do Espírito, da vibração crística que age no mais profundo de seu ser.

A coesão de tudo e de todos

O amor é unidade sem separação. O amor não é teórico; não é uma qualidade, mas uma plenitude, a realidade do Espírito, da qual nasce o manso; é a observação silenciosa e impassível da consciência que já não reage à simpatia ou à antipatia, porém, pleno de mansidão, vê e ouve a coesão de todas as coisas e de todos os seres entre si. O amor não é uma ampliação dos sentimentos, mas uma realidade, uma atividade de uma outra ordem, a Ordem do Espírito: ele é força e pureza, bondade e verdade. Ele se mantém longe da sentimentalidade, que é uma atividade anor-



mal do coração, causada pela chama vacilante de um estado de consciência imperfeito. A idéia central da Ordem do Espírito, a flama da Rosa, deve ter encontrado seu caminho no coração, a fim de que este seja restabelecido em sua verdadeira função.

O amor nasce da ausência de egoísmo; é uma relação que não projeta nada no futuro. Ele é a expressão da compreensão dos relacionamentos cotidianos. Como a inteligência, ele não é uma posse: ninguém pode se apossar dele. O amor é uma força de plenitude que faz todas as coisas crescerem e se realizarem. Eis por que essa força “herda a terra”; ela transforma a terra e a leva à perfeição. Quem dela vive já não sofre nenhuma influência.

A mansidão não é fraqueza

O manso não quer convencer ninguém. Ele é, portanto, mais forte do que todos. A disposição de sua alma faz dele, de fato, no pleno sentido da palavra, uma autoridade, um ser autônomo que vive da força universal fundamental. Nesse nível de consciência, conviver com ele pode representar um benefício para alguns. Mas não para outros. A mansidão não é fraqueza, mas uma das mais belas qualidades originais do espírito humano. É uma força grandiosa que também pode desencadear oposições. Alguns “egos”, confrontados com o manso, sentirão inquietude e tentarão minar essa força. O manso possui

uma força capaz de desencadear tempestades em que a antiga violência se aniquilará. Mas, após a tempestade, a serenidade da eternidade se faz sentir: tal é a herança de cada homem.

O fraco, neste mundo, tem a capacidade de dominar o forte; o fluídico pode vencer o que é duro. Nada no mundo é mais brando e maleável do que a água, e, no entanto, nada se compara a ela para atacar o que é sólido e resistente. Para compreender essa sabedoria dada ao mundo inteiro, é preciso, entretanto, seguir o caminho, penetrar o sentido do Sermão do Monte, e colocá-lo em prática. Assim diz o sábio:

Quem toma sobre si todas as censuras de um país torna-se seu mestre.

Quem assume todas as calamidades torna-se o rei do mundo.

Essas palavras são verdadeiras, apesar de aparentemente contraditórias.

Lao Tse, *Tau Tè Tsjing*. Mirananda, Wassenaar 1979.



O princípio da esperança

O que nos incita a perseverar? O que faz que nos mantenhamos em pé sob todas as circunstâncias, desestabilizadoras ou mesmo dolorosas, provenientes do que nós chamamos de sociedade moderna? Um filósofo contemporâneo responde à pergunta evocando o “princípio da esperança”.

De fato, esse princípio integra diferentes pontos de vista: um espera eliminar o que o incomoda, enquanto que um outro espera adquirir o que lhe falta. Ambos, em todo caso, aguardam receber da vida o que projetam. Outros, presumindo-se demasiadamente presos ao que possuem, desejam desembaraçar-se a fim de viverem mais livremente. Há uma constante: o homem nunca está contente com sua sorte. Ele sempre quer mudar alguma coisa, quer seja em um plano concreto, quer em um plano abstrato. Ele quer que sua vida esteja de conformidade com a imagem que faz dela. Existe sempre à sua frente essa esperança para a qual ele tende.

O que esperamos? Por que raramente nos fazemos essa pergunta? Por que as respostas permanecem superficiais? Por que nós olhamos em direção ao futuro? Por que não sabemos exatamente o que nos preocupa e nos inquieta?

Por que nós esperamos?

É impossível viver sem esperança.

Ela nos dá coragem, é nosso estimulante. Quando não temos mais esperança, nos rendemos, tornamo-nos um “perdedor”, caímos em depressão para acabarmos morrendo ou nos suicidando. O princípio da esperança é um princípio de vida. A esperança faz viver.

A questão não repousa nas causas nem nas circunstâncias exteriores da vida, mas na vida mesma, em nosso estado humano, no que faz que sejamos homens. Mesmo sem ter consciência disso, não deixa de ser verdadeiro que a grande meta da vida é aprender o que significa ser homem.

Ao mesmo tempo, reconhecemos bem lá no fundo que não somos ainda verdadeiramente homens. Educamos nossos filhos para adquirirem conhecimentos que lhes permitam desempenhar um papel na sociedade, desfrutar de uma certa consideração e, pelo menos, sobreviver. Mas atrás dessa meta realista oculta-se um objetivo mais elevado: a esperança de que eles se tornem, um dia, verdadeiros homens.

A essa esperança está inconscientemente associada a imagem idealizada de um homem bem educado, de vasta cultura e grandes qualidades de alma. O arquétipo nos é fornecido pela corrente humanitarista que se alicerçou nos movimentos pela paz, nas coletas para as vítimas das catástrofes naturais, na ajuda direta, humanitária e médica em tempos de guerra. Atrás desse ideal que exige aliviar, antes de



O Aguadeiro.
Baixo-relevo.
Segunda metade
do século II. Abadia
de Brauweiler,
Colônia.

tudo, a miséria dos outros, esboça-se a imagem subconsciente do Homem com letra maiúscula.

Nossa esperança, na civilização ocidental elevada ao pináculo, está totalmente investida nos desenvolvimentos tecnológicos. No início do último século, a esperança repousava na redução das horas de trabalho, na libertação do jugo de ter de afadigar-se para sobreviver. Depois, o progresso da tecnologia possibilitou

controlar de modo crescente a natureza, assim como totalmente investigar e percorrer o mundo. Hoje, com o auxílio da tecnologia dispomos de todas as informações possíveis, graças à informática e à Internet, o que nos dá a ilusão de nos aproximarmos da onisciência e da onipresença.

Atrás dessa ambição apaixonada se oculta a imagem de um homem ilimitado, de uma grandeza incomensurável. Atrás da esperança oculta-se sempre um objetivo desconhecido. Nós percebemos e desejamos aceder à grandeza desse objetivo (a felicidade, a libertação do medo), mas dificilmente ele se deixa alcançar em sua realidade. Essa destinação derradeira e inefável ressoa, entretanto, em tudo o que desejamos, pensamos, queremos e fazemos.

Como se trata de uma finalidade latente, é lógico que a aspiração não seja consciente. Nós, se-

res humanos, projetamos esse objetivo no exterior, num estado de coisas que não traz satisfação, o que explica todas as decepções encontradas no decurso de nosso tatear atual, todos os revezes que resultam de nossas tentativas de fazer o bem e de chegar à felicidade. Nós aprendemos o preço exorbitante do progresso, mas nem por isso o abandonamos. Nossa esperança de progresso é indestrutível e permanecemos convencidos de que

estamos numa espiral ascendente e de que a ciência acabará por descobrir as soluções para os problemas que o nosso desenvolvimento apresenta.

A humanidade não cessa de explorar seu universo, de ampliar os limites da ciência e do conhecimento. Numerosos são aqueles que se dão conta dos problemas criados mas preferem considerá-los como tantos desafios a enfrentar. É a essência do crescimento. O que acontece na realidade? Por que tantas pessoas, sobretudo jovens, se esquivam da escravidão imposta à civilização ocidental pelo ritmo desenfreado do desenvolvimento tecnológico? Por que se afastam desse desenvolvimento e dos ideais que lhe servem de base? É possível que presintam a verdadeira natureza do “princípio da esperança”. Elas não renunciam a isso, mas sua ardente sede de viver entra em choque com os acontecimentos dos quais são as testemunhas. Elas querem dar forma aos seus ideais, a seu modo, em seu próprio espaço vital.

Partimos sempre do princípio que a economia deve crescer. Uma estagnação é considerada uma regressão. Nos anos sessentas e setentas, as vozes que se levantaram contra esse princípio foram totalmente abafadas. Uma empresa, um setor industrial que não se desenvolve é considerado como doente; o crescimento deve mesmo aumentar de ano a ano. Essa afirmação baseia-se na quase indelével imagem que a prosperidade econômica garante o bem-estar do homem. Essa é a imagem que acabou por suplantar a do ser humano original e domina quase totalmente a sociedade industrial. Apesar de tudo, aceita-se que o crescimento não seja linear, que ele comporte altos e bai-

xos, desde que a altura dos picos sobrepuje a profundidade dos baixos. Uma depressão, então, só serve para descansar um pouco até a conquista do próximo pico.

Existe um melhor exemplo da perenidade da esperança? Muitas vezes se levantam para lembrar que a vida se desenvolve sempre segundo ciclos, pequenos e grandes, mas elas enfraquecem pouco a pouco para se perder na marginalidade das artes e das ciências paralelas.

De onde vem essa esperança inalterável quando tudo no mundo é efêmero e submetido a ciclos? Qual é sua fonte? Ela não pode tirar sua origem deste mundo perecível e cambiante, nem tampouco da personalidade, tão transitória quanto a natureza de onde ela provém. A fonte dessa esperança indestrutível encontra-se no último vestígio do homem original que, desviando-se de seu princípio, abandonou a eternidade pelo tempo, o imperecível pelo perecível. Tudo o que é da ordem do eterno e do imutável, já não podendo ser uno com ela, foi concentrado em um só e único átomo original. Da radiação desse átomo provém o desejo indefinível da grandeza original e da eternidade. É esse desejo que provoca a inquietude e a insatisfação do homem em sua vida cotidiana, e ele o projeta ao seu redor nas questões que lhe dizem respeito. Ele quer transformações e aspira a um desabrochar pessoal. Ele quer reformas, ou eventualmente uma revolução.

Não conseguimos nos libertar dessa idéia de um crescimento contínuo, mesmo que nosso entendimento tenha todas as razões para refutá-la. Na busca de nossa origem, exploramos as correntes espirituais e as religiões. Investigamos nosso ser interior

com o auxílio de terapias. Perturbados, buscamos e buscamos. Temos dificuldade de compreender que algo vive em nós e quer crescer. Não aprendemos ainda a diferenciar entre o perecível e o imperecível, entre o temporal e o eterno, entre a natureza que nos cerca e a natureza divina original, entre nossa própria pessoa e o microcosmo adornado pela centelha divina, ao qual somos ligados pela curta duração de nossa existência. Não conhecemos ou não aceitamos ainda nossa tarefa na condição de personalidade mortal. Fazemos da finalidade do microcosmo a nossa própria finalidade. A partir da centelha do espírito novamente se desenvolve o homem original. E interpretamos isso como nossa própria evolução, como o restabelecimento das faculdades humano-divinas originais degeneradas no desenvolvimento de nossas próprias faculdades humanas. Não compreendemos a verdadeira natureza de nossa reminiscência e de nossa esperança, as quais, entretanto, nos mantêm em movimento. Devido a esse não-saber, somos sempre novamente confrontados com o fracasso e com novas decepções. Retiramo-nos, então, para nosso pequeno universo, para nossa ilha deserta, onde tentamos dar forma ao nosso desejo e à nossa esperança de um futuro melhor.

Esperança como nova realidade

Pouco a pouco começamos a compreender que nosso desenvolvimento pessoal não é a derradeira finalidade de nossa existência, que existe uma meta bem mais elevada: o renascimento do homem original. Aprendemos que, como filhos de nossa terra, temos algo a fazer pela realização dessa meta superior, e descobrimos a

natureza de nossa tarefa. Descobrimos que não podemos conduzi-la a contento a não ser na solidão; ligamo-nos a um grupo de pessoas que têm a mesma orientação, a uma Escola Espiritual. Aprendemos a reconhecer a força que emana da vida eterna, e a experiência nos ensina que, sem ela, todos os nossos esforços, nossas idéias, nossa esperança, são inúteis. Essa compreensão, esse discernimento entre o que é importante e o que não o é, provém da centelha espiritual, do átomo original, o princípio do homem original.

Então começa uma evolução em nós, inteiramente apartada dos conflitos da alma terrestre e preservada das flutuações, da alternância entre crescimento e regressão, inerente ao nosso mundo. A primeira etapa dessa evolução é um aprofundamento do conhecimento de si mesmo; ao mesmo tempo, a especulação intelectual cede lugar à certeza da fé verdadeira. E é ela, a fé genuína, que serve de ponte entre nós e a derradeira meta da esperança: o renascimento do homem original. A esperança que nos ajudava a lutar contra a ansiedade permanente de nossa vida diária transforma-se em uma certeza inquebrantável. Então há lugar para uma nova esperança, para uma esperança que não nasce de um desejo incerto, que não é uma compensação para as trevas de nossa compreensão, porém que tem como fonte a luz divina.

Nova ilusão ou nova oportunidade?

Quando lemos um conto de fadas para uma criança, ela acredita nele com todo o seu coração. Não que acredite que um lobo vá comê-la enquanto ela colhe flores, nem que existam meninos do tamanho de um polegar: ela acredita na essência do conto.

A criança olha confiante o mundo e não duvida de que seus desejos se realizem. E mesmo que de tempos em tempos se choque com a dura realidade da natureza que, sob muitos aspectos, está em contradição com o bem, a verdade e o belo, ela continua a acreditar nisso. E é por isso que a criança tem grande facilidade para esquecer: ela segue à frente da vida espontaneamente e, quando cai, levanta novamente e recomeça a experiência.

É exatamente a atitude que Jesus preconiza a seus discípulos: *Em verdade eu vos digo que aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, de modo algum entrará nele* (Lucas, 18: 17). É também o que a Escola Espiritual lembra a seus alunos. Tendo perdido sua espontaneidade, o homem deve, de certa forma, reconquistar a fé, a fé inocente que abandonou porque não se pode ter confiança em tudo, nem em todo o mundo. Certamente no mais profundo do coração a fé continua presente, mas é sem cessar torpedeada por todo tipo de medos e lembranças. O fundamento da fé que a Escola permite reencontrar pertence a uma realidade inteira-

mente diferente. É uma fé madura, real, e diz respeito a outras coisas.

Uma nova realidade

A fé é o remanescente da veste da alma que envolvia o aluno quando criança; ela é, na realidade, um saber, uma consciência (com-ciência). Ela é prisioneira de uma espessa carapaça formada no decorrer dos conflitos interiores e exteriores, das ilusões partidas e das angústias subseqüentes. Mas a fé não cessa de vibrar; não se pode sufocá-la. A alma sempre vem tocar a personalidade, e esse contato é acompanhado de uma incitação para o soerguimento, para a busca por uma vida superior. O homem tenta responder a isso de diferentes maneiras; em geral, orientando seus esforços para o *exterior*, e nada tem senão novas decepções. O amor perfeito revela-se imperfeito, a inocência é desmascarada, e tudo dá errado apesar de todas as boas intenções. Frequentemente, quanto mais o eu se esforça, pior é, até que, fatigado, a tal ponto extenuado, ele cessa de tentar. O desejo, entretanto, permanece! Então a alma faz ouvir sua voz. Jazendo o eu aniquilado nas cinzas, a fênix começa a se erguer. No início, a personalidade não entende o que se passa; a fé, a voz da alma, impele a experiências de um novo tipo que, por sua vez, consolidam a fé. A personalidade, não sem alguma hesitação, responde às inspirações dessa fé e prepara-se para



sofrer profundas transformações. Um comportamento animado pela fé *engendra uma realidade nova*.

Por que isso não acontece com todos aqueles que possuem fé ou que estão persuadidos de que a possuem? Por que tantos crentes se defrontam sem cessar com os mesmos problemas, e nunca se pode falar de grandes mudanças? Por que não ocorre com eles, que acreditam fazer o bem, como nos relatos da Bíblia ou do *Bhagavad Gita*, nos quais acreditam tanto?

É claro que ao longo do tempo acaba dando certo, do mesmo modo que todas as intenções sinceras acabam revertendo em benefício próprio. Acontece o mesmo com a fé, que deve ter justamente a qualidade correta. É necessário uma fé autêntica, uma força da alma. A personalidade não deve interferir com suas interpretações. Do contrário, todo desejo se

despedaçará contra os muros da natureza dialética.

A pureza do desejo também é uma característica da criança. Ela contempla o mundo, encantada, ou então consternada, se sua espera não traz satisfação. À medida que ela cresce, inverte-se a tendência. O homem se liga à infelicidade, e fica surpreso e reconhecido quando o tratam com amor. Vê-se isso nas reações de desconfiança que suscita, por exemplo, uma proposta bem intencionada. Quando, em uma reunião, chega-se a um acordo, sempre há alguém para suspeitar de uma armadilha. Isso não é triste? É um golpe fatal infringido à fé, à crença na divindade fundamental da vida, no *amor*, em Deus.

A fé verdadeira, entretanto, não se deixa matar. Cada vez que o eu se retira, por pouco que seja, para um segundo plano, a fé toma a dianteira e

cria uma nova possibilidade. Depende apenas da consciência que isso seja uma nova ilusão ou verdadeiramente uma nova oportunidade. Se o estoque de experiências não está ainda esgotado, sofre-se um revés, porque a oportunidade que se apresentou revela-se uma ilusão. Assim, quem chegou a uma certa maturidade, através das experiências, começa a compreender que a vida e a natureza à qual ele pertence são interligadas. Ele pode verdadeiramente seguir um novo caminho, e *age de modo diferente*. Conseqüentemente, como ele responde através de ações justas, imediatamente apresenta-se uma nova oportunidade. A fé é um saber interior, a expressão do *primordial* em nós, que conduz ao *conhecimento* da nova vida.

O que foi, de novo será

A fé cresce até tornar-se uma força irradiante, uma força que pode remover montanhas. A força que emana de um grupo de pessoas animadas por uma fé profunda é tão grande que a humanidade inteira pode sentir seus efeitos e ser incitada a seguir o processo de transformação. A luz da vida ir-

radiará através de cada um. Tal é o sonho e o anseio de todos, que é, ao mesmo, tempo uma reminiscência, porque “o que foi, de novo será”. Um dia a humanidade viverá na força da alma original, animada de uma fé que “remove montanhas” (Lucas, 17:6). Como o explica J. van Rijckenborgh em seu livro *Não há espaço vazio**: *O estado de fé ao qual a Gnosis visa não se coaduna com o nosso estado de natureza ou qualquer outro estado de natureza. O estado de fé a que a Gnosis visa refere-se ao toque da rosa-dopetala pelo campo de força da jovem Gnosis. Quem pode efetuar essa ligação? Somente o buscador que pôs um fim aos seus anseios naturais através do discernimento ou em virtude do desespero. Aquele que conseguiu essa ligação foi inflamado pelo Espírito de Deus; uma força jorra sobre ele, a qual, em todos os sentidos, encontra-se diametralmente oposta a todos os anseios pessoais anteriores. Aquele que obedece a esta força, aquele que segue essa Voz, é um verdadeiro crente no sentido pretendido pela Gnosis.*

* Rijckenborgh, J. v. *Não há espaço vazio*, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1984.

Perseu leva a cabeça da Medusa a Atenas. Templo de Apolo, Roma.



A oração como atitude de vida

Uma reflexão pessoal

Milhares de preces, a cada instante, elevam-se da terra. Elas variam da oração habitual pronunciada no início e no fim das refeições, antes de deitar ou ao acordar, até às orações angustiadas, engendradas pelo medo da sorte presente ou futura.

As primeiras são ligadas aos hábitos freqüentemente transmitidos de geração em geração e ditados pelo respeito natural a “algo superior”. Esse tipo de oração é realizado tanto privadamente quanto em público, nos lugares apropriados ou ao ar livre. Quanto às outras, elas são a expressão do desespero e da angústia dos homens que oram para si mesmos ou para aqueles a quem amam.

Um homem desesperado dirige-se sempre a um poder superior, mesmo que não seja crente. Ele espera a ajuda externa porque se sabe impotente para mudar a sorte. Apesar de toda eventual negação, ele é sensível e – no mais profundo de si mesmo – continua acessível ao que aí está oculto. Nos momentos de extremo sofrimento, ele já não pensa da maneira dita racional; das profundezas, agarra-se à menor tábua de salvação, como se algo de uma ordem superior, ou alguém, pudesse tirá-lo de sua situação crítica. A oração mais difundida, inspirada pelo desespero é esta: *Ó Deus, ajuda-me a sair desta*. Em segundo plano, encontra-se, sem dúvida, a intenção in-

consciente: *para que eu possa, em seguida, voltar às minhas ocupações*. Isso não é nenhuma negligência premeditada, mas é assim que muitas vezes acontece.

Oração por riqueza e poder

Existem quatro principais vínculos que presidem a manutenção da natureza humana: o amor, a riqueza, o poder e a glória. Podemos estar ligados ao que possuímos, desejar a riqueza para viver sem preocupações, exercer a vontade de poder, ser fascinado pela glória. Para obter satisfação, solicitamos para nós o favor divino. É assim que podemos ver duas nações entrar em guerra após terem feito abençoar armas e soldados pela mesma igreja. Da mesma forma, por ocasião de certas disputas, vemos esportistas fazerem uma curta oração e um sinal da cruz porque pensam que sua vitória depende da vontade e da graça divinas. De seus pequenos rituais eles haurerem força e apoio.

Será exatamente esse o sentido da oração? O modo de orar que acaba de ser descrito apenas mostra que essa imagem vem de um longínquo passado em que o homem vivia ainda em harmonia com o plano divino. Sua vida inteira era uma oração, da qual seu comportamento era a expressão. Naquele tempo, o homem vivia numa esfera dialética pura, intacta, que chamamos “o Jardim dos



Virtude e volúpia,
Peter Vischer, 1515.
Kupferstichkabinett,
Berlim.

Deuses". Ele não pôde, entretanto, ali permanecer porque desviou as altas energias de seu campo de vida original para fins menos elevados. Seu campo de vida, agora, é uma

terra dura como a pedra, onde ele já não conhece a harmonia, nem a onipresença, nem a felicidade interior.

A terra, apesar de ser um campo de vida fechado e limitado, é circun-



Mulher orando.
Afresco do
século IV,
Catacumba
Jordanorum,
Roma.

dada e penetrada pela vida divina. O homem não está abandonado à sua própria sorte. Para auxiliá-lo, guiá-lo, salvá-lo, foi depositada nele uma centelha de vida divina que pode ser despertada a qualquer momento. Em tal circunstância, a oração é um meio extraordinário de obter um grande resultado, com a condição de que seja expressa com justeza, ou melhor ainda, de que seja vivida, de que seja uma vibração para uma elevação, um anseio que parte do ser, purificando em sua passagem seus corpos sutis. E, caso a personalidade faça uma trégua por um momento, retraindo-se, é possível que seja

tocada pelo campo de vida original. O corpo físico constitui, com os veículos sutis, um instrumento do qual o homem deve aprender a se servir para atingir a vida verdadeira. Por um uso correto desse instrumento e um comportamento purificado, permitimos o surgimento de uma vida constantemente renovada.

Oração pela humanidade

Cristo deu aos homens uma oração por meio da qual todos os aspectos humanos podem responder à sua verdadeira finalidade e restabelecer a ligação com a origem. A frase de introdução *Pai nosso, que estás nos céus* realiza a ligação da consciência com a fonte universal, a força de vida do Pai. A centelha no coração, que provém dessa fonte, chama, auxilia, guia, salva o homem. O acréscimo *pois Tu é o Reino, o Poder e a Glória para sempre, Amém*, é o reconhecimento da meta de todos os nossos anseios e de nosso desejo. Com ele oramos pela saúde e pela purificação de nossos veículos. *O pão nosso de cada dia dá-nos hoje*: oramos para receber o alimento para o corpo físico e a luz destinada ao crescimento do homem-alma-espírito. *Perdoa-nos nossas dívidas assim como nós perdoamos os nossos devedores*: esta oração relaciona-se ao corpo vital onde estão inscritas todas as nossas experiências, como registros, e onde também se encontra a soma de

todas as experiências vividas no microcosmo. Ela serve para apagar as dívidas cármicas.

Não nos deixes cair em tentação: é a oração relacionada com o corpo de desejos. O desejo é uma poderosa incitação à ação. Que deseja o homem? Que escolhas ele faz?

A oração para nossa faculdade mental é: *Mas livra-nos do mal.* Possa nosso pensamento ímpio servir à meta verdadeira, compreender o sentido da vida.

Essa oração, corretamente dita e compreendida, estabelece uma ligação com o espírito de Cristo. O homem iluminado ora pela salvação de seu ser inteiro e a da humanidade. Sua oração se eleva de seu coração amoroso e não do egocentrismo. Ela se dirige à força criadora do Universo. Ele ora:

- para o amor, que engloba tudo e todos;
- para a riqueza do ser, a fim de poder servir a verdade, na plenitude de uma posse interior;
- para o poder, que o coloca em condição de anular a ignorância;
- para a glória, no sentido de que sua vida de ações proclame a *glória de Deus.*

Viver a verdadeira “vida”

A força e a qualidade da oração dependem do estado interior de quem a faz, segundo a consciência, a alma e o corpo. Portanto, com toda

a força que nele está, ele viverá a “vida”. O chamado não lhe vem do exterior, mas da rendição total ao mandamento divino: *Buscai primeiramente o reino de Deus e sua justiça, e todas as outras coisas vos serão dadas por acréscimo.*

Perguntamo-nos, então: Existem pessoas assim? Com quem elas podem se parecer? Como imaginá-las?

São pessoas que seguem tranquilamente o seu caminho, passando quase despercebidas; aquele que trabalha com a Luz não se faz notar; ele *sempre usa a roupa do país no qual ele se encontra*, como em *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz.* Sua aparência não oferece nada de extraordinário. Ao contrário, seu olhar atento e penetrante pode descobrir uma situação difícil; por uma compreensão e uma atitude justas, ele poderá auxiliar alguém a encontrar novamente uma boa orientação. Por seu espírito positivo, com leveza, e até com humor, ele contribuirá para afastar os obstáculos para que de novo o sol brilhe e o ar seja mais puro. Ele é um benefício para os que o cercam. Ele libera a força de Luz ao manter sua ligação com o interior, ao manter sua alma em perfeita orientação.

Portanto, a verdadeira oração não consiste em uma reunião de palavras consagradas, mas ela é o resultado de um modo de ser completamente revolucionário, apesar de não violento. Orar e trabalhar.

Viver do silêncio

Fragmentos de uma alocução proferida durante a conferência de um dia, em 13 de dezembro de 2003, em Noverosa.

As palavras são impotentes para exprimir a dimensão do silêncio. Elas somente podem definir de forma sucinta esse maravilhoso poder da vida que sentimos no coração. Está ao alcance de todos conhecer o silêncio porque ele é, ele existe originalmente em nosso coração. Nós podemos experimentar o silêncio-no-coração mesmo em plena multidão, mesmo em meio ao alarido.

Um som, uma melodia, conduzem ao silêncio. Todo ruído provém do silêncio... e retorna ao silêncio... Mas será que eu conheço o silêncio?, nós nos perguntamos. Será que eu vivo do silêncio? Reportemo-nos a alguns textos e poemas para tentar responder. No processo alquímico de transfiguração, segundo a magistral explicação que nos dá J. van Rijckenborgh, o silêncio desempenha um papel de primeira ordem. O livro *A Gnosis chinesa* trata do *wu-wei*, que é o método da não-ação e do não se prender, tal como o ensinou o sábio chinês Lao Tsé há aproximadamente vinte e cinco séculos, e que consiste no abandono do mundo dos opostos. Atenção para não entender de maneira errada: isso não significa nos distanciarmos da vida comum, nem negligenciarmos nossos deveres. Não, a não-ação, segundo Lao Tsé, significa que não devemos nos agarrar, com o eu, aos valores e às forças essenciais do Reino Imutável.

Aquele que quer se apoderar das

coisas do Reino Imutável em seu fulgor delas se vê repellido imediatamente. *A carne e o sangue não podem herdar o Reino.* O homem quer possuir, é sua natureza querer, desejar, mas ele não pode, em virtude dessa predisposição, entrar na posse da força divina. Cada uma de suas tentativas nesse sentido tem como saldo um fracasso e uma grande decepção. A não-ação é o estado que precede o silêncio interior pela inteira rendição ao princípio espiritual no coração.

O silêncio é banido da vida cotidiana

Para viver do silêncio é somente necessária uma abertura, um interesse, uma prontidão para se submeter a isso. A vida diária é repleta de ruídos, gritarias, zumbidos, clamores, o que torna freqüentemente o silêncio uma prática difícil, tanto para observá-lo, para senti-lo, quanto para harmonizar-se com ele. A sociedade, sujeita à tecnologia, banuiu o silêncio. O barulho pode tornar doentes animais e homens, podendo mesmo matá-los. Tudo contribui, no homem e fora dele, para encobrir o silêncio, para bani-lo. Os homens parecem fugir do silêncio. Nas culturas ocidentais, estabelecidas sobre os princípios de prosperidade e de posse, a vida está saturada de barulhos. As pessoas falantes excedem as silenciosas, e isso freqüentemente torna raros os momentos de pausa. Para muitos, discutir ou discursar



sar longamente é uma tentativa de fugir do silêncio interior. O barulho torna a pessoa insensível, doente, perturbada, e pode causar violentas tensões. Em um tal estado, dificilmente suportamos o silêncio. Ele pesa como uma ameaça. Isso se torna claro pelos vários adjetivos com os quais caracterizamos o silêncio: impenetrável, glacial, abissal, angustiante, de mau augúrio, de morte.

Por que as pessoas têm tanto medo do silêncio? Por que o acham entediante? Seria por causa da angústia que delas se apodera quando o silêncio as toma de assalto? No silêncio total o eu não recebe mais estímulos, ele não tem mais um quadro de referências. A razão repele o silêncio para o reino do nada, tratando-o como um

objeto do qual podemos dispor à vontade ou abster-nos. Talvez seja uma das razões pelas quais tantos seres recebem tão pouca luz, não podendo admitir nem reconhecer um princípio de vida superior.

Antes fugir do silêncio

As preocupações habituais são um obstáculo para o silêncio. Elas constituem uma corrente ininterrupta de padrões de pensamento e lembranças que são impelidos e controlados pela vida e pelo movimento que ocorrem no corpo astral dos seres humanos. O barulho daqui junta-se ao barulho de lá. E o ruído exterior é uma projeção do ruído em nossa cabeça. A tensão não cessa de aumentar. O homem as-

pira ao silêncio, mas quando o encontra, faz-lhe obstrução. Ele não se deixa penetrar facilmente pela *essência* do silêncio.

Alguns autores têm mostrado imagens explícitas disso. Em *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, o narrador encontrou o pequeno príncipe no deserto. O deserto representa a esterilidade da existência terrestre; o pequeno príncipe representa a pureza de um silêncio sereno, um princípio vivente de uma outra dimensão. *Como o príncipezinho adormeceu, tomeio-o nos braços e prossegui a caminhada. Eu estava comovido. Tinha a impressão de carregar um frágil tesouro. Parecia-me mesmo não haver na Terra nada mais frágil. Considerava, à luz da lua, a fronte pálida, os olhos fechados, as mechas de cabelo que tremiam ao vento. E eu pensava: o que eu vejo não é mais que uma casca. O mais importante é invisível... Como seus lábios entreabertos esboçassem um sorriso, pensei ainda: "O que me comove nesse príncipe adormecido é sua fidelidade a uma flor; a imagem de uma rosa que brilha nele como a chama de uma lâmpada, mesmo quando dorme..." Eu o pressentia, então, mais frágil ainda.*

O mais importante é invisível... a vida é um estado de consciência... Inspirados por uma fé íntima na Rosa, que

Todos os ensinamentos de Pitágoras tinham força de lei para seus discípulos, que o consideravam como um enviado de Júpiter. A respeito das manifestações da divindade, eles silenciavam... tendo aprendido que o silêncio é também uma linguagem.

Filostrato (170-249 d.C.)

"Apolônio de Tiana"

deseja continuamente entrar em atividade em nosso coração, muitos seres tomam consciência de que alguma coisa falta às suas vidas. Eles sofrem de um desejo insatisfeito. Falta-lhes a calma, o silêncio. Eles buscam alguma coisa nova que lhes preencha a vida e os ajude a encontrar a paz interior. Para isso, procuram muitas alternativas como textos, livros, ensinamentos, métodos e workshops. Quem pode dizer quantas tentativas e experiências desse gênero um homem deve acumular para desenvolver sua compreensão antes de se tornar consciente da fonte desse desejo que se expressa pela voz silenciosa da Alma?

O coração do coração
é a fonte original

Milhares de pessoas, tendo necessidade de silêncio, freqüentam lugares de recolhimento e de retiro. Existe até um museu do silêncio, criado para fazer do silêncio, esse objeto raro, uma experiência. Os resultados terapêuticos são, às vezes, extraordinários, mas é sempre o posto de controle do cérebro que impede o acesso ao silêncio essencial. Leo Hartong, em seu livro *Ontwaken in de droomillusie of werkelijkheid* (Desperto na ilusão do sonho ou na realidade), diz: *Quando vemos um objeto no espaço, isso não significa que o espaço seja diminuído pelo volume do objeto. Da mesma forma, o silêncio não é restringido pelo barulho. O silêncio contém o barulho, como o espaço contém o objeto. Todo barulho é envolvido pelo silêncio. O espaço e o silêncio são claros indicadores. Eles se referem a algo ainda mais sutil: o espaço silencioso da Consciência Pura. O olho do ciclone e o coração da tempestade são calmos, exatamente como o espaço vazio no eixo da roda. Visto*



desse modo, o vazio é preenchido de força. É em redor dele que turbilhona a tempestade e é ele que faz girar a roda em redor de seu eixo (...) se tentamos penetrar esse vazio descobrimos que nele não há limite nem fronteira.

O vazio ultrapassa toda definição. Ele está em toda parte ao nosso redor e, ao mesmo tempo, em nosso próprio coração. Quando dizemos "coração" geralmente nos referimos ao centro da emoção e da intuição em comparação ao intelecto. Porém, é importante ver que tanto o coração como o intelecto comuns vêm da mesma fonte. Falamos aqui do coração do coração, da fonte única e real do ser, do absoluto e silencioso nada que escapa a toda tentativa de compreensão do intelecto. Quando o intelecto tenta alcançar por si mesmo essa plena vacuidade, essa completude, ele chega a um impasse abrupto. Ele se defronta com um muro intransponível que, entretanto, para o não-pensar é um retorno ao lar no coração do coração.

O primeiro livro dos Reis 19: 11-12, na Bíblia, alude a isso: *E eis que passava o Senhor; como também um grande e forte vento que fendia os montes e quebrava as penhas diante da face do Senhor; porém o Senhor não estava no vento; e, depois do vento, um terremoto; também o Senhor não estava no terremoto; e, depois do terremoto, um fogo; porém também o Senhor não estava no fogo; e, depois do fogo, uma voz mansa e delicada. Deus murmura no silêncio.*

O cérebro trabalha em duas direções

A essência de Deus, a Verdade, é o silêncio. Aquele que busca a Verdade, em verdade e em amor, é silencioso. O verdadeiro silêncio é uma dimensão da alma divina. Ele não pode ser observado pelos sentidos enfraquecidos e endurecidos. A calma interior e o silêncio são o indício de um coração

Babhravahana.
Combate do rei
dos Nagas,
Mahabharata,
século XIV.
Sul da Índia.

purificado e de uma maturidade da alma. Para aproximar-nos da dimensão do silêncio, é necessário termos tomado consciência do funcionamento de nosso processo de pensamento. Como funciona o cérebro? Ele é um instrumento maravilhoso, com a faculdade de receber impressões; é maleável e sutil. Mas não utilizamos senão uma pequena parte dele.

Ao longo dos séculos, o trabalho do cérebro fez-se em duas direções: para o interior, em direção ao que é conhecido, e para o exterior, para o que ainda não é conhecido. O pensamento está sempre em atividade. Ele dirige nossa vida, todos os nossos critérios de vida e nossos comportamentos. Tudo o que nossos sentidos percebem está sob a influência de nossas origens, dos contextos raciais e religiosos, da herança nacional, de nossas experiências, da atitude de nossos pais diante da vida, da educação, da formação, das provas. Sem esquecer o que foi acumulado no microcosmo ao longo de suas encarnações.

Quem observar sua atividade mental com sangue frio e objetividade deverá constatar que seu pensamento não é criativo, mas que segue esquemas inteiramente prontos, orientados pelos impulsos astrais. Não reconhece ele que as imagens mentais não são nada mais que sombras de seres e de formas astrais?

A atividade cerebral, portanto, é exercida para o interior e para o exterior. No exterior, está tudo o que pode ser conhecido, as experiências, tudo o que tem uma forma, cores, sons. Isso concerne à civilização, à sociedade, à ciência, à técnica, à literatura, à filosofia, à teologia e a um vasto panorama de conceitos e de idéias que são como as sombras de seres e de imagens do mundo astral.

Os homens de hoje pensam que a “vida” corresponde ao conjunto de seus comportamentos, condicionados por esses esquemas de pensamento. Costumamos dizer que a vida é movimento, ação. Do exterior, o domínio do conhecível, para o interior, o domínio do invisível, astral e etérico, onde se oculta um desconhecido número de lições. Esses dois movimentos, entretanto, procedem do egocentrismo, da avidez. Do desejo de possuir algo! Algo para si mesmo! Enquanto o movimento, a ação, provier da consciência habitual (o eu, o ego, o corpo, os sentidos, o mental) não há silêncio. O movimento nasce de uma motivação egocêntrica. Nossa época é muito movimentada porque milhões de eus se erguem uns contra os outros para defender seus interesses sociais, econômicos, políticos, religiosos e, sobretudo, pessoais. O pensamento egocêntrico tece um véu de ilusões e o homem se identifica com essas ilusões. Desde que haja ocasião, o eu se põe em movimento, ele se impõe, reage, transforma, inventa, fala e ouve, olha, quer estabelecer um contato com não importa quem para se dar a ilusão de que vive.

Imitação do silêncio
pelo isolamento

Geralmente relacionamos a vida com o movimento da energia condicionada pelo eu. É um erro perigoso. Enquanto a alma não se libertar desse erro, não faz sentido falar de silêncio. Como foi dito acima: todo movimento, toda ação e reação do pensamento nascido do eu, toda identificação com ele deve desaparecer antes que possamos perceber o silêncio. E isso, não de modo forçado, é claro,

por métodos impostos do exterior, porém por escolha própria e através do entendimento de que o pensamento tornou-se o grande adversário da verdadeira vida.

O domínio do silêncio está além da competência do intelecto. Mas podemos também fazer uma imitação do silêncio mantendo-nos no isolamento, no deserto, por exemplo, sem que, no entanto, o problema seja resolvido. Podemos fechar os olhos e nos calar, enquanto nosso eu, cheio de desejos, quer perceber algo do mundo invisível. O eu parece calmo e descontraído. Na realidade, ele está em plena expectativa, voltado para si mesmo... o que o liga diretamente com todo o passado que o constituiu. Não é esse o silêncio! Aparentemente tranquilo, o eu faz, na realidade, um grande alvoroço. No *Tao Te King*, parafraseado por C. van Dijk, encontramos este texto:

*Do silêncio imóvel, como que suspenso,
exala o sopro da vida,
em harmonia com o Infinito.
Assim, da Vontade absoluta
desprende-se o ardente esforço.*

*O que rege o sopro é a imagem da
ordem.
"Isso" inspira, "isso" expira;
entre os dois está selado o segredo
profundo:
a ponte lançada entre o barulho e o
silêncio.*

*Possa tudo confundir-se na mesma
emoção;
imperturbável, eu permaneço em
silêncio recolhido.
Possa a ciência terrestre congelar o
intelecto;
eu abandonei tudo o que ainda
queria saber.*

*Ama o silêncio em teu ser.
Busca o silêncio que inspira.
Aqueles cujos corações nunca
conheceram todos os temores mudos,
nunca caíram de joelhos.*

*Aprende a te cumular de silêncio
nesses mesmos lugares aonde
a vida te impeliu.
Ele é teu porto de salvação,
o inestimável presente
da Eternidade.*

C. S. Adama van Scheltema (1877-1924)

*Primeiro, o ego deixa o seu egoísmo,
e isso se comunica de um para outro,
como a brisa sobre a relva dos campos,
igualmente comovida; em uma só
alma renascida
propaga-se o ideal de fraternidade até
a realização!*

Não podemos alcançar o silêncio senão pela transformação interior. Não aplicando nele nossa reflexão, nem fazendo dele um objeto de especulação, mas despedindo-nos de todas as ilusões dos sentidos. A imobilidade do pensamento faz nascer uma nova vitalidade. Em *O livro de Mirdad*, Mikhail Naimy escreveu: *O silêncio em que vos farei entrar é aquela expansão interminável na qual o não-ser passa a ser e o ser passa a não-ser. É aquele vácuo imponente onde cada som nasce e é silenciado; onde toda forma é moldada e esmagada; onde cada ser é escrito e apagado; onde nada é, a não ser isto. A não ser que atravesseis esse vácuo e essa expansão em silenciosa contemplação, não sabereis quão real é vosso ser, nem quão irreal o não-ser. Nem sabereis quão firmemente ligada está vossa realidade com toda a realidade.*

Mentiras, engano

Se refletirmos bem, veremos que a mentira reina soberana. A busca pela vida interior exige que não nos deixemos sufocar pela falsidade deste mundo. O pesquisador anseia por se libertar, por confiar sua vida à alma que se enternece com a simplicidade e a verdade e se volta para o Espírito. Essa busca evidencia justamente quão profundamente a mentira está enraizada e quão mais grave que um simples vício ela é.

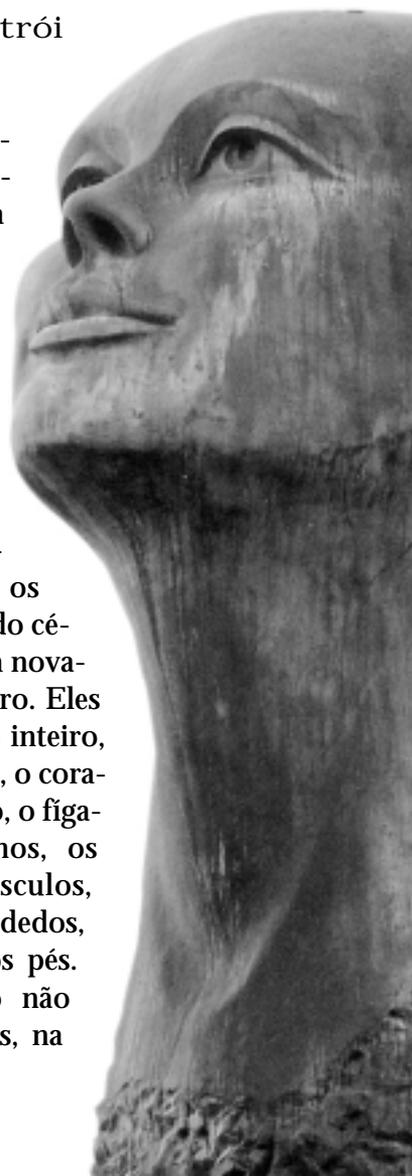
Todos deploram a perda dos valores e dos princípios em nossa sociedade, mas calam certas coisas porque as palavras que as expressam são objeto da desaprovação geral. Os políticos fazem o elogio da virtude e estigmatizam a hipocrisia. Quanto à mentira e à fraude, elas parecem aceitas como algo normal. Não utilizamos esses nomes, mas quase todos somos culpados disso. Mesmo os que pensam ser honestos e francos e crêem nunca mentir. Os homens mentem para evitar os problemas, para proteger seu ego autoconservador que obstaculiza a simplicidade e a verdade, a luz que trazem no coração.

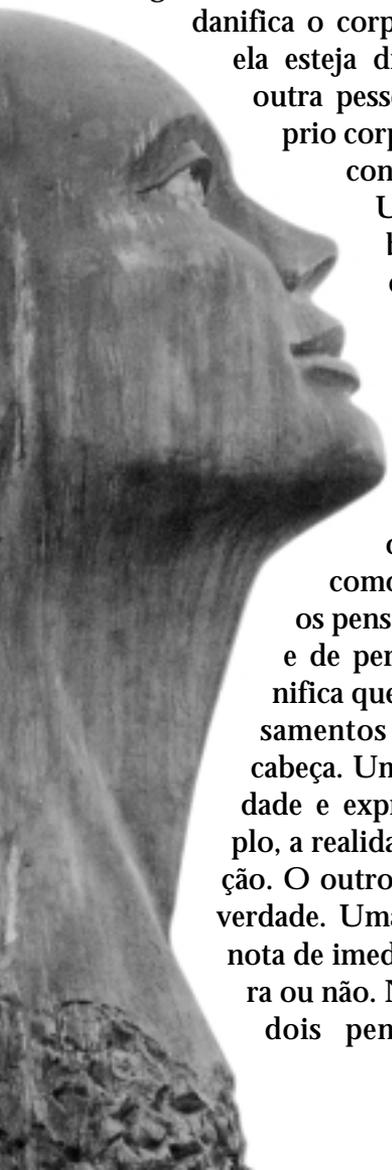
De onde vem a Luz? Ela provém da verdade, do Espírito, responde Hermes Trismegisto; a verdade engloba tudo, ela é Deus mesmo. Ela é o Imutável. No espaço da manifestação, tudo está submetido à mudança. Uma coisa se vai, outra a substitui. E o novo encerra já a mudança. Na

relação entre o mutável e o imutável, o mutável é o absolutamente não-verdadeiro. Porque a verdade, segundo Hermes, só pode habitar em corpos eternos. Sob esse prisma, o homem terrestre pode ser qualificado de “não-verdadeiro”, por estar submetido à mudança. E isso possivelmente explica por que existe tanta mentira.

A mentira destrói o homem

Quando pensamos, uma corrente de energia elétrica atravessa nosso cérebro. Cada pensamento envia um impulso elétrico que é transmitido ao sistema nervoso. Todos os nervos partem do cérebro e se unem novamente no cérebro. Eles sulcam o corpo inteiro, todos os órgãos, o coração, o estômago, o fígado, os intestinos, os olhos, os músculos, até a ponta dos dedos, até a planta dos pés. O pensamento não permanece, pois, na





cabeça; ele percorre nosso corpo e marca nossos olhos, nosso rosto, nossos gestos, nossa atitude, nosso sangue, nosso coração. Um pensamento emite uma onda elétrica que se propaga no corpo, que por sua vez reflete nosso pensamento: a energia-pensamento veicula a natureza e a qualidade de nossos pensamentos. Um pensamento negativo gera uma onda elétrica nefasta que

danifica o corpo, e mesmo que ela esteja dirigida a alguma outra pessoa, é nosso próprio corpo que suporta as conseqüências disso.

Um pensamento benévolo também é portador de uma energia que pode ter uma influência salutar sobre nosso próprio corpo e o de outras pessoas, como, por exemplo, os pensamentos de amor e de perdão. Mentir significa que temos dois pensamentos contrários na cabeça. Um provém da verdade e expressa, por exemplo, a realidade de uma situação. O outro provém da não-verdade. Uma pessoa sensível nota de imediato se há mentira ou não. No cérebro, esses dois pensamentos estão

em oposição, como dois inimigos. O princípio do detector de mentiras é medir a tensão resultante dessa oposição. Dois pensamentos contraditórios provocam uma tensão elétrica mensurável que se propaga pelo corpo inteiro através do sistema nervoso. O coração bate mais rápido, o estômago se contrai, os músculos também, os olhos piscam, o olhar se torna inquieto, o pulso acelera. As glândulas excretam um hormônio acidificante, tóxico para o corpo. Podemos, sem dúvida, contar histórias aos outros, mas não podemos enganar nosso próprio corpo. É impossível. Mentir não é algo inofensivo, quer nos demos conta ou não. A mentira corrói o corpo por essa tensão nociva.

Universalidade e justiça

A luz que o homem traz no coração é uma força elétrica de altíssima vibração, carregada de sabedoria e amor. A mentira e a Luz não podem irradiar juntas do coração. Ao mentir geramos dois males: destruimos o corpo e entramos a Luz. A mentira começa com pequenas alterações da verdade, com exageros. Com o sucesso do procedimento, temos a tendência de continuar. E as coisas se encadeiam. Divertimo-nos em exagerar a verdade e, pouco a pouco, isso se torna mentira, e até embuste. Começamos com uma bola de neve, terminamos com uma avalanche.

Dualidade do homem.
Charles Delporte.
Damme, Bélgica.
Foto Pentagrama



*George Washington
tentando dizer
uma mentira.*
E.T.Reed, 1901.

Temos em nós nosso próprio detector de mentiras. Os conflitos internos não deixam de manifestar suas conseqüências em nosso corpo, em nossa vida e na vida dos que nos cercam. Para saber o que é justo, é suficiente consultar seu próprio detector. Aquele que não o sente, aprende a senti-lo permanecendo atento à linguagem do corpo, que é uma linguagem universal e sempre justa.

Os movimentos da alma expressam-se no corpo e pelo corpo. Nesse movimento a alma natural nos diz o que é bom para nós e o que não é. A linguagem da nova alma provém da

Luz. Nós nos esquecemos disso há muito tempo e não percebemos mais esse tranquilo murmúrio. É uma linguagem sempre verdadeira, voltada para ao que há de mais nobre, de mais profundo no homem. A personalidade deve estar cada vez mais atenta à sua ressonância e não desejar conhecer nada diferente da verdade. A verdade às vezes é pungente, mas ela purifica. Quando a aceitamos, de início nos sentimos indefesos. Mas ao final de

um certo tempo, o desejo por verdade cresce, pois ela é fonte de doçura, de liberdade e de alegria.

Nesse espaço reconquistado, vemos nosso próprio estado com mais clareza. E, no mesmo instante em que os mecanismos de defesa do eu são enfraquecidos, é possível termos uma primeira percepção do advento do novo homem original. Sabemos que ainda temos de percorrer um longo processo de transformação. Mas a certeza de finalmente termos encontrado o que há tanto procurávamos, nos dá toda a coragem.

Sempre e novamente a verdade triunfa.

Inspiração

Quem já teve a oportunidade de entrar no Panteão de Roma, sem dúvida ficou impressionado com a imensa cúpula e a abertura circular de nove metros de diâmetro em seu centro. A luz que entra por essa abertura cria uma atmosfera maravilhosa. Imediatamente surge a indagação sobre o que inspirou o criador dessa cúpula especial.

A placa informativa somente diz que o primeiro construtor foi Agripa, genro do imperador Augustus, e que ele iniciou essa obra por volta de 27 a.C. Ele construiu o Panteão como templo para “todos os deuses” (=Panthéon). O prédio que o visitante vê hoje foi construído no mínimo um século e meio mais tarde. Além disso, no decorrer dos séculos, muitos embelezamentos e modificações foram feitos.

O fato de ele ter sido transformado de templo “pagão” em igreja cristã não mudou a maravilhosa atmosfera. Sem querer o visitante se indaga: O que o criador quis expressar? Como ele foi inspirado? A luz que o inspirou não seria a mesma que, quinze séculos mais tarde, inspirou Jacob Boehme e o fez irromper para a nova consciência, quando a viu refletida numa balança de estanho?

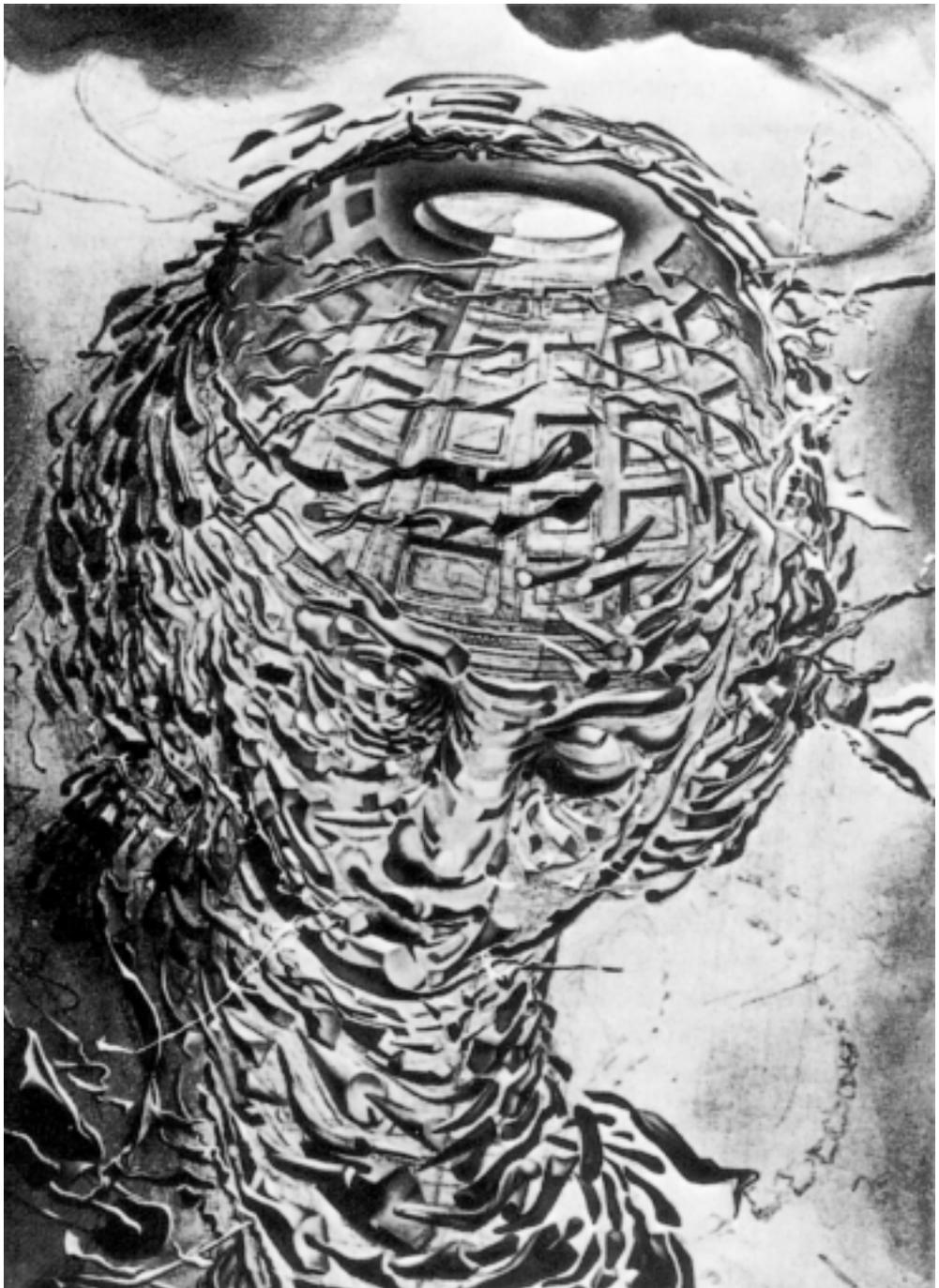
Para o pintor espanhol Salvador Dalí, uma visita ao Panteão foi motivo para realizar duas pinturas. Sobre seu *Asummpta Corpuscularia Lapis-*

lazulina (1952), ele diz: *É a mais esplêndida demonstração de minha visão mística. Afirmo com total convicção que o meio do céu é o coração dos homens, onde encontram a fé, porque minha mística não somente é religiosa, porém também nuclear e alucinógena. Descobri a mesma verdade no ouro, durante a pintura dos movimentos dos religiosos ou em minhas visões da estação ferroviária de Perpignan.*

A outra pintura, a *Cabeça rafaelsca explodida* (1951), mostra a cabeça de um santo. A visão de dentro para fora é como a do Panteão. Poderíamos dizer que a abertura da cúpula coincide com o lugar da fontanela. Ou talvez isso se refira a uma abertura para a luz ou a uma outra consciência diferente da dos sentidos? Será essa a intenção do pintor? Dalí é muito direto a respeito disso: *Eu mesmo, como pintor surrealista, não tenho a menor idéia do que minhas pinturas significam. Mas com isso ele contradiz sua própria declaração acima, na qual ele não nega o significado de sua pintura.*

Então faz sentido interpretar uma pintura? O pintor Johfra escreve em seu diário: *Em mim sempre está disponível um estoque de inspirações. Porque quando penso em pintar, quase me afogo num dilúvio que surge de meu subconsciente. Eu só preciso me abrir e as idéias começam a fluir.*

Para o que o pintor se abriu, vê-se diretamente na tela. Johfra recebe sua



*Cabeça rafaelsca
explodida.*
Salvador Dalí,
1951. Coleção
particular,
Inglaterra.

inspiração daquilo que surge de seu subconsciente. Ele dá a isso um nome, assim como também faz o observador: *Se você pensa que pintei um frango, então é um frango.* Que aquele que visualiza a obra nem sempre participa do mesmo modo torna-se claro em uma outra nota de Johfra em seu

diário: *Acredito que Pierre Borgue (autor do livro Johfra, nos limites da aventura, sobre a vida e a obra de Johfra, red.) vê seu dualismo gnóstico incorporado em minhas pinturas. E do modo como explica isso, ele está em grande parte correto. É uma pena que é sempre tão totalmente diferente do*

que eu quis expressar com minhas pinturas. Aos setenta anos de idade, Johfra confirma que recebe inspiração: *Meu trabalho ganha intensidade quando consigo esvaziar-me completamente. Para um artista é também difícil examinar se a inspiração vem de fora ou de dentro de seu próprio ser. Isso se torna claro no seguinte fragmento do diário: Eu sou um joguete para muitas forças em meu ser que sucessivamente levam vantagem. Não acredito que seja paranóia ou divisão da consciência. Também não é influência de fora (como os ocultistas de bom grado desejariam), mas um excedente de possibilidades, inspiração e idéias.*

Inspiração na literatura esotérica

A maior parte da literatura esotérica provém de uma inspiração exterior ligada a uma idéia, um sentimento ou uma entidade. Dependendo do tipo de inspiração somos remetidos a conceitos como: obumbramento, mediunidade, psicografia, profecias, etc. Os dois primeiros conceitos são uma coerção ou um cerceamento de liberdade. Johfra fala sobre o obumbramento, depois de ter encontrado Giger: *Ele é um gênio, totalmente original e persuasivo. Embora ainda seja jovem, ele se vê como um homenzinho ansioso, completamente exausto e idoso. Curvado, com nervosos olhos azuis, ele tem um rosto pálido e cabelos acinzentados e uma expressão extenuada e seca que leva a crer que ele já não tem muito tempo de vida. Ele dá a impressão de ter sido fortemente obumbrado. Eu li que ele realiza seu trabalho intoxicado com ópio.*

A inspiração que um médium recebe expulsa sua consciência. Sua vontade é desligada temporariamente e o

corpo da personalidade é ocupado por uma entidade desencarnada. O preço aqui pago é muito elevado e ocorrem uma enorme perda de energia e um aprisionamento da vontade aos humores da entidade envolvida. Na psicografia, a pessoa serve de canal de inspiração; aqui também existe uma forte ligação, porém a própria consciência continua ativa. É de máxima importância sabermos para o que nos abrimos, porque a qualidade da inspiração é determinada pelo desenvolvimento interior daquele que serve como canal. É muito luciférico: quanto mais puro e elevado o interior, tanto mais impressionante será o trabalho artístico e tanto mais melodiosa será a música executada.

Porém, por mais puro e elevado que seja, é preciso ainda fazer a distinção entre os verdadeiros e falsos profetas, como no Antigo Testamento. Aqui a questão é saber com que espírito o profeta se liga. A palavra “inspiração” vem do verbo inspirar que também significa inalar, e dele também provém a palavra “espírito”, que significa, portanto, tanto respirar como espírito.

Um trabalho profético pode assegurar, nesse sentido, extraordinárias surpresas. J. van Rijckenborgh escreve em *O novo sinal com relação ao livro As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz* que J. V. Andreae nunca foi o autor dessa obra. Ele diz: *As Bodas Alquímicas de um simbólico Cristão Rosacruz sempre acompanharam a humanidade como a parte mais elevada da doutrina universal [...]. Andreae nada mais fez do que publicar, à sua maneira, essa verdade eterna, no dia em que lhe foi designado fazê-lo, tendo sua razão de ser no desenvolvimento do trabalho da Fraternidade Universal. E é segundo essa*



O Panteão de Roma. A luz do dia desce por uma abertura de 9 metros no cume da cúpula de 43 metros.

publicação que nos orientamos para agora trazer essa verdade à Escola Espiritual moderna. Também Rudolf Steiner observa a esse respeito que é um contra-senso acreditar que o espírito de J. V. Andreae escreveu essa obra. Johann Valentin Andreae deve ser comparado com o secretário que escreveu as cartas de Napoleão. Porém, Napoleão viveu, então as cartas eram ditadas e assinadas. Mas as “Núpcias alquímicas” não foram ditadas por nenhuma personalidade física.

Um jovem empresta como se fosse sua própria mão a um ser espiritual e se torna, então, capaz de escrever tão elevadas idéias.

Assim, o homem é levado de volta a si mesmo. Ele mesmo deve escolher, ele mesmo deve julgar de que fonte se alimenta, de que fonte recebe sua inspiração. Ele pode reconhecer o que vive nele, mesmo que seja somente um princípio. Esse reconhecimento lhe é muito importante nesse momento. O conhecimento sustenta até o objetivo final e é, então, abandonado,

pois não traz o reconhecimento, mas leva a dar um passo na direção desse objetivo. Para que esse reconhecimento possa ser alcançado, o espírito deve estar limpo. Ele não deve ser contaminado nem manchado por idéias e cobiças das quais não consegue identificar a fonte. Claridade, pureza e vacuidade são qualidades básicas necessárias para uma pura inspiração do pulsar do campo de vida divino original. Essa inspiração pode trabalhar em muitas pessoas de modo diferente. Paulo diz a respeito disso: [porque a um é dado] *o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas.*

Assim, podemos concluir que um recebe a inspiração para criar e um outro para explicar. Um trabalho artístico vivente pode colocar novamente o observador em contato com a fonte da inspiração.

FONTES

Bíblia: I Coríntios 12:10.

Bordewijk, *Commentar op de Chymische Bruiloft*, Zevenster 1987;

Johfra, *Hoogste lichten en diepste schaduwen* (Elevadas luzes e profundas sombras)

Kosmos, 2001;

Rijckenbrogh, J.v. e Petri, C.d., *O novo sinal*, 2. ed., São Paulo: Lectorium

Rosicrucianum, 1983;

Falar é prata, calar é ouro

Quem entrava na escola de Pitágoras não podia falar nos primeiros dois anos. Percebemos que as pessoas falam geralmente antes de serem solicitadas, e que devem aprender a ouvir “a voz”, Deus dentro de si. Isso é mostrado de modo muito acertado na história de Samuel, que é chamado três vezes, e que, somente no quarto chamado, quando procura o conselho de seu mestre Eli, reconhece a voz de Deus.¹

O falar é chumbo. A alquimia ensina a transformar o chumbo, metal vil, em ouro, metal nobre, ou seja, a realizar a passagem do homem impuro ao homem em quem a luz divina foi liberada.

Muitas religiões consideram o falar vão e enaltecem o silêncio. Podemos citar trechos dos provérbios de Salomão: *Na multidão de palavras não falta transgressão; mas o que refreia os seus lábios é prudente.*² E Jesus disse em relação à pureza: *O que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem.*³ Sabemos que o falar pode arrastar muita impureza para o exterior. É a impureza interior que se derrama, e isso se manifesta claramente pelo fato de o pensamento fazer uso de “matéria” mental, o éter mental, do mesmo modo que os sentimentos são animados por forças astrais.

Aquele que escuta é ligado às for-

ças derramadas por aquele que fala. Ele recebe seus problemas, seus descontentamentos, e sofre essas influências até em seus pensamentos, sentimentos e ações.

Falar é prata, calar é ouro. Este provérbio significa que nenhum falar pode superar o silêncio. Na antiga sabedoria, a prata, metal semiprecioso, simboliza a dualidade, como o número dois. O ouro simboliza a unidade, o número um. Reconhecer que no falar e no ouvir há uma escolha entre ligar-se à pureza ou à impureza pode trazer uma mudança na consciência. Vamos supor que decidamos só ter pensamentos e sentimentos puros e que consigamos realizar isso. Então nosso falar também dará testemunho dessa pureza. Nesse sentido é dito: Falar é prata. A prata brilha ao ser limpa. O falar é mágico porque a voz é um órgão criador.

Falar é criar

A fala comum é alimentada pelas forças da consciência do sistema fígado-baço. Ela é a expressão do instinto de conservação e da sede de poder. A fala que é de prata é o intérprete de um coração e de um pensamento purificados. E isso não é fácil como o exemplifica o conto *Os três desejos*⁴: Júpiter concede três desejos a um pobre lenhador. Este reflete e, com sua mulher, já se imaginam ricos. Eles decidem aguardar o dia se-

Bacia de água com três jatos de água entrando e cinco dispersores. Foto Pentagrama.

guinte para formular seus três desejos. Mas, embriagados pelo vinho, eles se deixam levar e três disparates tomam o lugar dos desejos. Eis a moral da história: *É especialmente verdadeiro que pessoas insensatas e confusas, que agem de modo inconseqüente sob a influência da ira ou da ignorância, não podem pedir o que quer que seja, pois são incapazes de aproveitar os dons que o céu lhes envia.*

Este conto ensina que o pensamento, a vontade e a fala, que obedecem à lei de causa e efeito, não ficam

sem conseqüências. Falar é criar. Uma pergunta se impõe: Em que nível se situa esse processo de criação? É para erigir ou para desintegrar? É para erigir ou para desintegrar? Lao Tsé disse: *Quem fala pouco permanece ele mesmo.* Aquele que fala pouco, com consciência e com toda a responsabilidade, permanece ele mesmo. Tal é a base de uma mudança libertadora.⁵

Existem nomes que não podem ser pronunciados. Por exemplo: I.H.V.H. ou Jeová. Na religião, este nome jamais é pronunciado pelos crentes. Eles dizem: “o Senhor”, ou



“o Todo Poderoso”, não somente por respeito, mas também porque pensam que o homem não tem competência quanto à justa pronúncia do Nome. O apóstolo Paulo diz, quando alcançou o estado da nova consciência: *E sei que tal homem [...] foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, de que ao homem não é lícito falar.* ⁶

Falar é ouro

O falar áureo não é acessível ao homem terreno. Somente Deus emite o Verbo e forma a criação. No primeiro capítulo do Gênesis, cada ato criador divino é precedido destas palavras: *E disse Deus, atestando que o Verbo possui a força criadora. E o Evangelho de João inicia assim: No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ela estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.* ⁷

No Novo Testamento Jesus exprime a força criadora. Ele diz ao leproso: *Quero; sê limpo;* ao paraplégico: *Levanta-te, toma tua cama e anda.* À tempestade ele ordena: *Cala-te, aquietate* e estas coisas se cumpriram. ⁸

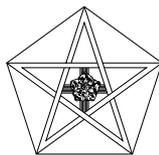
Calar é ouro

As palavras de Jesus Cristo e de outros enviados tomam um sentido especial para aquele que alcançou o silêncio interior. Não é somente não articular nenhuma palavra, porém,

também, e sobretudo, realizar o apaziguamento mental e emocional. Isso só é conseguido à custa de profunda purificação. Nesse silêncio, uma outra consciência, uma consciência divina, irrompe no homem. Ele ouve dizer: *Quero, sê limpo e levanta-te*, e pleno de uma força nova, ele se põe a caminho para retornar à Casa do Pai. Ao vento da tempestade que sopra nele, ele ordena: *Cala-te, aquietate*, a fim de que surja a consciência nova, a qual trabalha com força. Aquele que trabalha com uma força dessas faz, realiza, cria. Ele chama as coisas à manifestação.

Este é o fundamento, a base exclusiva e absoluta de toda a atividade gnóstica: o Verbo! Onde a Gnosis começa a manifestar-se, lá é pronunciado o Verbo criador, isto é, a força fundamental. ⁹

1. 1 Samuel 3: 1-10
2. Provérbios 10:19
3. Mateus 15: 11
4. *Os contos da Mãe Gansa* – Charles Perrault
5. J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri – *A Gnosis Chinesa*
6. 2 Coríntios 12:3-4
7. João 1:1-3
8. Marcos 1:41; Marcos 2:11; Marcos 4:39
9. J. van Rijckenborgh – *A Gnosis em sua atual manifestação*, São Paulo, Lectorium Rosicrucianum, 1984, cap. 6.



O tríplice caminho da Luz comporta, portanto, um aspecto místico – a necessidade interior de orar e ajoelhar; um aspecto gnóstico – o conhecimento transmitido pela Escola; e um aspecto mágico ou realizador – a ligação com a Escola de Mistérios, a ligação que impele à ação.

(O renascimento e seus aspectos práticos, p.2)